

DIÁRIO AFETIVO DE UMA  
MATERNIDADE POLÍTICA E  
OUTROS TEXTOS

© Rubra, 2022

1ª edição

Coordenação editorial:

Rafael M. Duarte, Diego Barboza,  
e Bil-Rait “Bucheça”

Projeto gráfico, capa e diagramação:  
Bil-Rait “Bucheça”

Foto da capa:

Matheus Carvalho

Preparação:

Rafael M. Duarte

Revisão:

Zeh Gustavo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Petrone, Talíria

Diário afetivo de uma maternidade política e  
outros textos / Talíria Petrone. -- Rio de Janeiro :  
Rubra, 2022.

ISBN 978-65-998266-1-0

1. Deputados brasileiros - Biografia
2. Experiência de vida
3. Maternidade
4. Mulheres - Biografia
5. Petrone, Talíria
6. Política - Brasil
7. Relatos pessoais I. Título.

22-120747

CDD-920.72

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Mulheres : Biografia 920.72

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

TALÍRIA PETRONE

DIÁRIO AFETIVO DE UMA  
MATERNIDADE POLÍTICA E  
OUTROS TEXTOS

# SUMÁRIO

## **PREFÁCIO**

[*por MANUELA D'ÁVILA*], 6

## **INTRODUÇÃO, 12**

## **DIÁRIO AFETIVO DE UMA MATERNIDADE POLÍTICA, 14**

MUNDÃO ESQUISITO, 15

GESTAR ESPERANÇA, 16

A GRAVIDEZ BAGUNÇOU TUDO, 18

VEM AJUDAR A GENTE A MELHORAR ESSE MUNDO, 20

A CHEGADA DA ESPERANÇAZINHA, 22

SOBRE A NOSSA EXPERIÊNCIA DE PARIR, 23

TEMOS QUE NOS LIVRAR DA CULPA POR SENTIR, 32

PARA EQUILIBRAR TUDO, 34

POR NÓS DUAS, 36

ESSA REVOLUÇÃO, 38

UM DESABAFO DE MÃE, 40

MAIS UMA REFLEXÃO DE MULHER E MÃE, 42

VIVAM AS MOANAS!, 44

NUM TÃO, TÃO, TÃO DIFÍCIL INÍCIO..., 46

MOANA NA CÂMARA, 48

MEU COLO É SEU ACONCHEGO, 50

UM MUNDO QUE NÃO RECONHECE, 52

EU NÃO PERCEBIA A BELEZA NA JANELA, 54

O MAR, 55

FILHOS VÃO, NÉ?, 57



FOGUETE, 59

MENINOS PRETOS DA FAVELA TÊM MÃES, 61

O ALIMENTO MAIS COMPLETO DO MUNDO, 63

ANIVERSÁRIO DO MEU AMOR MAIOR, 65

MÃES, DESABAFEM!, 67

SONO, 68

ECOSSOCIALISMO OU EXTINÇÃO!, 70

DIREITO À ALEGRIA, 72

NÃO VAMOS PADECER EM LUGAR NENHUM; NEM  
NO PARAÍSO!, 73

TODA CRIANÇA TEM DIREITO A COMER, BRINCAR,  
SER FELIZ, 75

VEM, 2022!, 76

O MUNDO É FEITO DE MÃES, 78

**FEED AFETIVO, 80**

**PAPO DE MÃE: DIÁLOGO POLÍTICO E AFETIVO  
SOBRE O MATERNAR, 89**

COM TALÍRIA PETRONE & ÁUREA CAROLINA, 90

COM TALÍRIA PETRONE & THAIS FERREIRA, 103

**EPÍLOGO: O DIÁRIO DE UMA MÃE, PARLAMENTAR,  
FEMINISTA**

**[por NATALIA SZERMETA], 109**

# PREFÁCIO

por MANUELA D'ÁVILA

Meu encontro com os escritos de Talíria foi como aqueles momentos em que encontramos nossas amigas de infância e, trocando apenas olhares, já compreendemos absolutamente tudo que elas querem nos dizer. Com Talíria vivo uma sensação de *dororidade*, como nos ensina Vilma Piedade, de dor comum, de saber exatamente como é duro e triste aquilo que ela vive mesmo durante os mais bonitos e ternos momentos de sua vida adulta. Dessa dor surgiu nosso afeto mútuo.

Posso dizer que presenciei a angústia de Talíria sobre gestar vivendo em um país em que o ódio é o principal ativo da política; assisti a seu encontro com a potência revolucionária da maternidade consciente e eleita e vi seu amor por Moana Mayalú; soube do drama das ameaças de morte, da violência da mudança de cidade, da distância dos seus amores e de sua rede de apoio, da presença cotidiana dos carros blindados e seguranças armados.

Diante disso, compartilhar a experiência da maternidade a partir de um relato afetivo escrito aos poucos, dia após dia, no ritmo da vida real é corajoso e eminentemente político. Se, lá atrás, as

feministas gritavam que *o pessoal é político*, agora, cada uma de nós, mulheres públicas que maternam no ambiente público, vivemos essa palavra de ordem ao limite. Tiramos a maternidade de dentro de nossas casas e expusemos a verdadeira dimensão que ela ocupa em nossas vidas. Afinal, sabemos, nada é mais político para as mulheres do que a maternidade e todos os seus significados subjetivos e objetivos.

Da dimensão subjetiva, trazemos a romantização, a idealização de maternidade, que submete todas as mulheres mães a uma espécie de padrão de controle inalcançável. É como se todas fôssem nascidas para sermos mães e não amplamente socializadas para isso; como se sê-lo fosse aquilo capaz de nos realizar em todas as dimensões da vida, enquanto não sê-lo nos faz mulheres partidas, incompletas. Da dimensão objetiva, extrai-se a opressão do trabalho reprodutivo fantasiada de cuidado e amor; daquilo que deveria ser compartilhado e é socialmente visto como responsabilidade exclusiva materna; daquilo que deveria ser investimento em política pública e é silêncio.

Quando uma de nós traz a maternidade a público, portanto, mais do que visibilizar a si e sua criança, isso visibiliza as crianças invisíveis nas estruturas de poder; visibiliza o patriarcado, representado por homens que estufam o peito para

gritar em defesa da família e que jamais abriram mão de um compromisso, seja profissional ou não, para buscar um filho na escola, para medir a temperatura depois de uma virose qualquer; visibiliza a realidade das mulheres mães num país que as ama na propaganda do mês de maio, mas as detesta, todos os dias, quando não lhes disponibiliza vagas de educação infantil, deixando-as alijadas do trabalho produtivo.

Mas nós não estamos caladas, ao contrário: temos gritado bastante, real e metaforicamente. Desde o processo eleitoral de 2018, as pesquisas indicam que as mulheres e os homens nunca votaram de maneira tão distinta. Se, em julho daquele ano, 22% dos homens declaravam espontaneamente votar em Bolsonaro, apenas 7% das mulheres diziam o mesmo<sup>1</sup>. Em outubro, outro levantamento apontava que, entre eleitores do sexo masculino, o candidato tinha 37% da intenção de votos. Já entre as mulheres, aproximadamente a metade, 21%, o que o colocava em posição de empate técnico com a chapa em que eu participava na condição de candidata a vice-presidente de Fernando Haddad, que marcava, naquela pes-

---

<sup>1</sup> Pesquisa Ideia Big Data realizada entre os dias 20 e 23 de julho de 2018, registrada no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) sob a identificação BR-04178/2018.

quisa, 22%<sup>2</sup>. Em 2022, essa diferença se repete e amplia: enquanto, entre homens, Lula e Bolsonaro parecem empatados, entre as mulheres a diferença é de 51% do primeiro contra 25% do segundo<sup>3</sup>. Levantamento realizado pela BBC Brasil<sup>4</sup> mostra que, em todas as eleições anteriores, mulheres e homens escolheram o mesmo presidente.

As eleições de 2018 foram marcadas, também, pela maior mobilização social da história do movimento de mulheres, o chamado #EleNão, organizado a partir das redes sociais e realizado em mais de 100 cidades brasileiras. Essas mobilizações aglutinaram eleitoras de todos os espectros políticos, tornando-se, assim, o primeiro esforço de ampliação e unidade política contra a extrema direita representada pelo então candidato à presidência da República Jair Bolsonaro. As manifestações trouxeram consequências: se é verdade que Bolsonaro foi eleito presidente do Brasil no segundo turno das eleições de 2018, naquele pleito 77 mulheres foram eleitas para a Câmara dos Deputados, em um aumento de 51% em relação ao pleito

---

<sup>2</sup> Pesquisa Datafolha realizada entre os dias 26 e 28 de julho de 2018, registrada no TSE sob o número BR-08687/2018.

<sup>3</sup> Pesquisa FSB realizada entre os dias 27 e 29 de maio de 2022, registrada no TSE com o número BR-03196/2022.

<sup>4</sup> ROSSI, A.; MORI, L. Eleições 2018: Como casais estão sendo afetados pela diferença no voto de homens e mulheres, que nunca foi tão grande. *BBC News Brasil*, 2 out. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45687773>. Acesso em: 11 jul. 2022.

anterior, e 161 deputadas foram escolhidas pela população para ocuparem cadeiras nas Assembleias Legislativas, com um aumento de 41,2% na comparação com 2014. Nunca fomos tão numerosas, mesmo que ainda sejamos tão poucas.

Não é estranho, portanto, que, no último período, os alvos centrais do bolsonarismo tenham sido nós, as mulheres, e, especialmente, nós com nossas crias: Maria do Rosário com Maria Laura; Sâmia com Hugo; Talíria com Moana; eu com Laura. Se as mulheres carregam a derrota de Bolsonaro nas suas costas – e, se dependesse de nossa militância, #EleNão sequer teria sido eleito –, as mulheres mães são aquelas que evidenciam toda a hipocrisia das bandeiras moralistas dos bolsonaristas. Afinal, para eles nunca houve família, apenas opressão e violência.

O que tu vais encontrar neste livro é o registro da vida de Talíria com Moana durante anos duríssimos, em que a violência e o ódio foram combustíveis da extrema direita, extrema direita essa tão duramente enfrentada por Talíria durante os anos de seu mandato e o período em que esteve à frente da liderança de seu partido, o PSOL. Mas, não te enganes: Talíria é incapaz de falar sobre si sem falar de nós. Talíria é porque muitas somos. Talíria fala de Moana para que eu veja Laura, para que tu vejas tua cria e para que todas lembremos que

não estamos mais dentro de casa. Que agora, definitivamente, nossas maternidades serão visíveis porque precisamos; porque, sem nossas vozes, a voz de ninguém lembra de nós.

## INTRODUÇÃO

Para mim, escrever também é uma forma de me repensar – meus diários, meus poemas, meus rabiscos me acompanham desde pequena. Quando meu mar Moana Mayalú chegou potencializou tudo: meu amor, minhas angústias e minha escrita. Como um ato de amor e combate, decidi compartilhar nas redes relatos dessa transformação intensa que vivi. Desse renascimento. Desse furacão. Do amor imenso, mas também da dureza de uma maternidade real. Escrever foi uma decisão política. Assim nasceu o diário da minha maternidade, diário em permanente construção.

Aqui, neste livro, organizo os meus textos preferidos. Mas não poderia fazer isso sozinha. Chamei outras mães, minhas companheiras, para falar sobre essa maternidade real e política. Aqui vocês encontrarão, além de um diário afetivo sobre a minha maternidade política – tem afeto, lágrima, tem tantos pedacinhos de Moana –, o texto de orelha de Anielle Franco – com quem divido muitas dores e sonhos –, o prefácio de Manuela d'Ávila – a amizade e a certeza de estar do mesmo lado da luta – e o epílogo de Natália Szermeta – minha companheira de PSOL e todas as lutas. Também chamei minhas companheiras queridas



Áurea Carolina e Thais Ferreira para um diálogo afetivo sobre o materno e a política.

É sobre isso o livro, leitoras e leitores, sobre ser mãe. Sobre renascimento. Sobre descobertas e alegrias. Sobre medo, solidão, exaustão. Sobre a coragem necessária para gestar e materno, seja uma criança ou um novo mundo. Aliás, toda criança é um mundo inteiro. Por ironia do destino, já nos trabalhos finais deste livro, me descobri grávida novamente. Um novo desafio, uma nova vida e a certeza de que não existirá revolução sem nós, mães pretas, à frente. Vamos parir um novo mundo junto com nossas crianças. Juntas, sempre!

# DIÁRIO AFETIVO DE UMA MATERNIDADE POLÍTICA

# MUNDÃO ESQUISITO

18 de dezembro de 2019

E, em tempos de um mundão esquisito, surpreendendo planos e metas e setas, uma menina vem chegando pra mudar o meu próprio mundo... É o correr da vida embrulhando tudo, mesmo. O poeta tá certo. Esperança!

.

.

.

(Viramos três. Quatro, pois tem também Brownie, o doberman mais amável e fofo que existe!)

.

.

.

“[...] E não há melhor resposta que o espetáculo da vida: vê-la desfiar seu fio, que também se chama vida, ver a fábrica que ela mesma, teimosamente, se fabrica, vê-la brotar como há pouco em nova vida explodida; mesmo quando é assim pequena a explosão, como a ocorrida [...]”<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida severina e outros poemas em voz alta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

# GESTAR ESPERANÇA

*5 de janeiro de 2020*

Que coisa incrível sentir no corpo que nós, mulheres, parimos o mundo! Que gestar a esperança que depositamos nas futuras gerações é algo tão potente e tão parte desse sagrado feminino, mas também tão difícil! Uma gestação e, acredito, também a maternidade, não são carregadas do romantismo que aprendemos. Pelo menos essa tem sido a minha experiência aqui na metade do caminho.

Cada mulher grávida vive a sua, né? Dores, enjoos, exaustão, alegrias seguidas de imensas tristezas, uma mudança tão radical no corpo – e na cabeça, no coração – que muitas vezes desespera. É preciso falar sobre isso, compartilhar esses pensamentos e sentimentos que, tantas vezes, geram culpas, julgamentos. “Como pode você estar grávida e não estar o tempo todo feliz e segura e em êxtase?” Pode. Claro que pode. Pode chorar, pode sofrer, pode reclamar, pode ter dúvidas e medos.

E nada disso, nem o medo que tantas vezes nos toma conta, faz de nós menos corajosas, menos poderosas, menos mães ou com menos amor pela vida que virá. Eu tenho sentido tantos sentimentos diferentes ao ver nossa menina crescer

em mim! E cada um deles tem me preparado pra maternidade, pra esse universo novo e desconhecido que está chegando na minha vida. Venha, pequena. Te espero. Te esperamos. Me sinto cada vez mais forte, apesar de tudo. E é por você.

(Brownie tá na foto porque quer já contar pro mundo que vai proteger a nova integrante da família!)<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Ver foto na página 81.

# A GRAVIDEZ BAGUNÇOU TUDO

*22 de março de 2020*

Quando me descobri grávida, um mar de sentimentos – alegria, dor, preocupação, amor – tomou conta de mim. Mas, talvez a coisa mais forte que senti tenha sido o medo do futuro. A gravidez é um momento em que a nossa falta de controle sobre algumas coisas fica explícita. Estamos acostumadas a planejar, dar respostas, racionalizar... A gravidez bagunçou isso tudo. Moana virá no seu tempo, do jeito que quiser, escolherá caminhos. Quem será minha filha? Que mãe serei eu? São tantas questões em aberto e sem respostas... Estou na reta final da gestação, momento em que toda essa ansiedade bate muito forte. E, neste momento em que passamos pela maior crise que as gerações vivas já enfrentaram, a ansiedade só cresce.

Não temos controle de muitas coisas que virão. Nosso país viverá momentos de dificuldades ainda maiores que as já existentes, que impactarão desigualmente as pessoas nesse Brasil tão desigual. Que será das favelas? Como nosso SUS suportará? Dá um medo danado do futuro e não temos que fingir não ter medo. Mas saber que não temos controle de muitas coisas talvez seja a me-

lhora forma de nos concentrar naquilo que podemos alcançar. Assim como posso falar coisas boas pra minha filha na barriga, cuidar do meu corpo e mente pra que ela se desenvolva bem, tem coisas nesse mundo que podemos tocar.

Nunca foi tão urgente ser solidário(a), responsável socialmente e com o coletivo; ficar em casa pra preservar quem não pode ficar; fazer uma compra pra uma idosa não sair; dar uma grana pra galera da favela divulgar informação; pagar o salário da diarista pra ela ficar em casa com saúde; conversar pela janela com o vizinho que você nunca cumprimentou; gritar na janela pra se somar às vozes insatisfeitas; olhar pros que há tempos são ignorados: os que estão no cárcere, na rua, os que não têm água pra beber, quanto mais pra lavar a mão; cobrar do poder público está ao alcance; estender a mão está ao alcance; parar de olhar o próprio umbigo está ao alcance. O individualismo cruel do nosso tempo só nos afundará numa crise civilizatória sem precedentes.

É tempo de ver o outro. De um radical e profundo senso de coletividade. É a única forma de haver esperança, alegria, futuro pras crianças e gerações que virão.

# VEM AJUDAR A GENTE A MELHORAR ESSE MUNDO

*4 de abril de 2020*

O final da minha gestação está sendo completamente diferente do que imaginei. Não tem amigos ajudando a lavar as roupinhas e imaginando junto como será a carinha dela. Não tem a família perquinho pra dividir as expectativas. Nada de celebração dessa nova vidinha, com o chá de fraldas. Não tem praia com barrigão nem diminuição do ritmo de trabalho, como tinham me prometido. E a coisa mais difícil e doída: não tem abraços. Ah, que saudade dos abraços! Dá um pouco de tristeza atravessar por esse momento de tantas transformações sem os meus por perto, fazendo carinho na barriga. Ao mesmo tempo, toda vez que olho pra esse barrigão e sinto ela mexer aqui dentro de mim, uma esperança toma conta de mim. Não uma esperança boba e sim uma esperança que é força, sabe? Atravessaremos este tempo doloroso e seremos outras e outros quando chegarmos do outro lado. A crise será longa, as consequências serão muito duras. Mas o mundo será outro. Tem que ser. Com pessoas acreditando em outras pessoas. A compreensão da solidariedade como única saída. A certeza de que o abraço vale mais,



muito mais, que qualquer coisa. Enquanto espero Moana chegar, sonho com um futuro com mais felicidade e mais abraços. Abraços. Apertos. Afagos. Cheiros. Obrigada por me devolver o sonho antes mesmo de nascer, filhota. Vem, te esperamos! Vem ajudar a gente a melhorar esse mundo, que há de ser lindo pra você e pra todas as crianças. ♥

(Brownie late e ela mexe. Ele cheira a barriga e ela sente. Serão amigos, serão!)

# A CHEGADA DA ESPERANÇAZINHA

*8 de junho de 2020*

Nasceu Moana Mayalú, em noite de lua cheia, às 4h15 da manhã, do dia 6/6, num parto natural potente, lindo, explosivo. Nasci mãe! Logo, logo, posto um relato desse momento que me transformou de um jeito inexplicável. Por ora, tô só compartilhando a alegria da chegada dessa esperançazinha em forma de gente! ♥

# SOBRE A NOSSA EXPERIÊNCIA DE PARIR<sup>7</sup>

*13 de junho de 2020*

Há uma semana, Moana Mayalú veio ao mundo. Entre uma mamada e outra, ainda dá tempo de usar a data pra contar a história do seu nascimento. Peço licença pra compartilhar, em algumas postagens, um relato bem longo, além de muito, muito, muito íntimo: do lugar mais profundo do meu ser.

## FORÇA DA NATUREZA

Estou há dias tentando escrever o relato do nosso parto, mas é quase impossível conseguir dar a dimensão do quanto esse momento foi, pra mim, emocionante, potente, diferente, difícil, lindo! É tão difícil encontrar palavras que descrevam a experiência de parir! Parir é furacão. É poesia. É dor. É força ancestral. É, definitivamente, renascimento.

Nosso presente chegou como a força da natureza que seu nome carrega: nos invadiu como

---

<sup>7</sup> Ver foto na página 82.

um oceano, foi parida com os gritos da floresta inteira, chegou junto com a lua cheia – ela é, definitivamente, filha da lua. Moana Mayalú me fez renascer na madrugada em que a lua cheia nos brindou com um eclipse. Me emociono quando lembro de cada momento. Ela já chegou me ensinando. Com 41 semanas e 3 dias em meu útero, me ensinou a esperar. Eu, sempre ansiosa, sempre querendo ter controle de tudo, fui obrigada a me entregar a um tempo que não era só meu. E me entreguei. E que lindo o fruto dessa entrega. E que bom que te esperei.

## O SOL A NASCER

Acordei com leves contrações. Vi o sol nascer – era mais uma noite de insônia. Engraçado é lembrar do medo de não reconhecer quando chegasse o momento; que se somava ao medo de precisar de alguma intervenção, caso não entrasse em trabalho de parto. Passava de 41 semanas. Todo mundo perguntando, cobrando que ela nascesse. Toda uma *indústria médica* lembrando que o nosso tempo estava acabando. Tempo. Que bom foi poder respeitar o seu tempo, filha: o tempo da natureza. Quanto você me ensinou, Moana Mayalú! Lá

pelas 8 horas da manhã, percebi que tinha contrações bem espaçadas e irregulares, mas constantes. Foi tanta alegria que nem sei explicar. A cada dor, eu sorria (obviamente, o sorriso só durou naquele início de dia – porque parir dói!). Contrair. Contrair. Contrair. Eu sabia que eu contraía pra renascer. Um pequeno sangramento, ainda pela manhã, confirmava tudo. Não era mais um alarme falso: tinha começado! Felipe acordou. Rimos, ansiosos. Desde o início, decidimos parir em casa; então, era maravilhoso saber que eu estava ali, com minhas coisas, meu cachorro, meus amores, no lugar que seria o lar dela. Ela nasceria na nossa casa. (Sei do privilégio que tive. A luta é pra que o SUS possibilite a toda mulher essa escolha e pra que o parto domiciliar não seja – na contramão das evidências e do mundo inteiro – considerado algo *estranho* e perigoso). Contrações, sangramento, expectativa. Parteiras e doula, avisadas. Era deixar acontecer. Passamos um dia inteiro com as contrações evoluindo, eu e meu companheiro numa conexão indescritível. Comi. Caminhei pela casa. Chuveiro. Bola. Rimos mais. Choramos. Chorei muito. Berrei. A dor crescia e, quanto maior a dor, mais eu sabia que ela estava perto. Ainda na fase latente, ficamos mais de 10 horas aprendendo a lidar com as dores que vinham mais ou menos de 6 em 6 minutos. Eu estava cada vez mais concentra-

da. Entre os gritos, respirava. Imaginava Moana Mayalú. Abraçava Felipe. E que bom ter um parceiro desses comigo, nessa experiência! Que importante foi passar essas horas todas só nós dois, vivenciando isso tudo! Aqueles momentos, tenho convicção, nos preparavam pra maternidade e pra paternidade. Pro renascimento.

## NÃO CONSEGUIA MAIS GRITAR

Lá pelas 21 horas, com contrações já regulares, chegaram Gi, nossa doula, e Ariana e Mari, nossas parteiras. Era verdade mesmo! Mas parir é mesmo um mundo de incertezas. Nossa falta de controle é completa e Moana Mayalú, nossa força da natureza, resolveu me ensinar mais um pouquinho antes de nascer. Minha pressão subiu depois de uma gravidez inteira sem problemas. Fura a orelha, pega pontos no pé, deita de lado, lavanda... A pressão até baixou um pouco, não o suficiente. Eu já tinha 7 cm de dilatação – pela primeira vez em todo o pré-natal –, mas para o parto foi necessário um toque. Moana ainda estava alta. Eu até tentei me preparar pra esse momento, mas não imaginei que iria acontecer. Precisaríamos de uma transferência pro hospital. Eu estava bem, mas era arris-

cado seguir com um parto em casa. Chorei. Tive medo. Fiquei frustrada. Nossa casa tinha comida pra comemorar Mayalú. Tinha bolo, sopa, bala de coco. Tinha Brownie, nosso cão, que ficou pertinho de mim em cada contração. Tinha nosso cheiro. Era nossa casa. Mas não era mais possível parir ali. Catei minhas guias. Xangô e Oxum que fossem comigo! Respirei. Felipe segurava minha mão. Tenho medo de médicos e hospital, mas me senti forte. Sabia que tinha uma equipe incrível me assistindo. Só posso agradecer por esse privilégio. Esse foi o momento mais tenso e difícil do parto. Saí do transe, da ocitocina pra racionalidade. E racionalidade não combina com parir. “Ferrou tudo!”, pensei. “Pega a bolsa pra maternidade! Chave do carro! Liga pra Ana (a obstetra)!”. Desconectei do parto. Ainda doía, mas as contrações voltaram a espaçar. Tinha um pouco de tristeza em todas nós. No carro, eu agarrava minhas guias e a mão da Gi. Não conseguia mais gritar. Doía, mas só gemia, não me entregava mais à dor. Chegamos na maternidade meia-noite. Ana esperava a gente e eu disse que só não queria morrer; que queria conhecer minha filha. Todo mundo riu um pouco do meu exagero. Eu, completamente sóbria e racional, tinha consciência do quanto tinha retrocedido meu trabalho de parto. Comecei a me preparar pra uma intervenção, até pra uma cesárea. Definitivamente,

parir é se entregar às incertezas. Parir é lindo, intenso; mas, também, difícil e doloroso.

## MEU CORPO QUERIA PARIR A MINHA FILHA

Na sala de parto, foi tudo retomando, aos poucos. Lembro de uma mulher gritando muito em outra sala, provavelmente já na fase do expulsivo. Eu a ouvia decidida a voltar a gritar, a me entregar à dor, a contrair pra gerar uma vida: a vida da minha filha. E tudo voltou a acontecer. Minha pressão não subiu mais. Gisele e Ariana, tão fundamentais nesse momento, fizeram alguns exercícios pra ajudar a “encaixar” melhor nossa Moana. Senti uma dor terrível. Vivi a dor ainda de forma racional, mas daquele momento não dava mais pra retroceder. Meu corpo queria parir minha filha. Ela queria nascer. Na banheira, ouvi um *ploft*. Finalmente, a bolsa tinha estourado. Voltei a me concentrar. Mordia, arranhava, apertava Felipe. Usei a banqueta. Fiquei de quatro. Berrei. Chorei. Me senti gritando as dores do mundo. Como se essa força transformadora que queremos pro mundo tivesse toda ali. Pra gerar. Ficamos quase o tempo todo eu, Ariana, Gi e Felipe na sala. Ana respeitou completamente o processo que tinha-



mos começado em casa. Isso foi muito lindo.

Fico aqui pensando no terrível cenário obstétrico no Brasil e em como é completamente possível um parto hospitalar respeitoso. Em alguns momentos, achava que não seria capaz de aguentar. Mas não desisti. A cada olhar para aquelas mulheres maravilhosas que me rodeavam e para o meu companheiro, eu voltava a ter certeza que podia, que tinha o poder de parir. Parir é algo muito poderoso. Nenhuma mulher deveria ser desencorajada a parir. Isso é violento e injusto. Isso é controle do nosso corpo. Isso é tentar tirar esse poder de nós.

## FIM. COMEÇO. RECOMEÇO

Na madrugada, Ana voltou à sala. Eu tinha 9,5 cm de dilatação. Ela sorriu. A cada contração, me via mais perto de Moana Mayalú. Parecia um sonho. Depois das 41 semanas, depois da pressão alta e de uma transferência, a gente estava conseguindo. Em algum momento, exausta, tentei ir pra cama. Parecia que eu ia desmaiar, vomitar... No meio do caminho, uma ardência. Gritei alto: um grito diferente de todos os outros. Apoiei um braço em Felipe, outro em Ana. Veio a ardência,

a vontade de fazer a maior força do mundo, a dor inenarrável: a dor de nascer. E renascer. Eu disse pra Ana, um pouco fora de mim, que nunca mais seria a mesma. Nunca mais serei. O expulsivo durou pouco mais de 15 minutos, me contaram. Lembro do carinho da Ariana antes da última contração: “Você conseguiu! Só falta essa!”. Nasceu! Nasceu Moana Mayalú, nos braços do pai e da parteira. Nasceu nosso mar, nossa floresta, nossa lua.

Ela conseguiu superar as intercorrências. Consegui, junto com ela. E junto com mulheres incríveis. Com mulheres pretas incríveis. Junto com Gisele, Ariana, Ana. Com Mari, Vivi, Bruna, Mayara, com a Sankofa inteira, que ajudaram a gente nesse turbilhão de gestar-parir. Meu parto e gravidez foram compartilhados por mulheres e uma força ancestral acompanhou a mim e a Moana Mayalú. Conseguimos. Conseguimos, de mãos dadas com o pai da pequena que nascia. Meu namorado, marido, companheiro: Felipe foi incrível! É impossível descrever o quão maravilhoso ele foi e tem sido. Meu amor por ele se multiplicou. E nosso amor tomou forma, nosso amor foi lindamente parido. Moana chegou ao som de “Foguete”, e de fato “tantas vezes eu soltei foguete, imaginando que você já vinha”, filha!

Moana Mayalú, bem-vinda! Você nasceu de parto natural, provando que bebês sabem nascer.

Passou a primeira hora da vida nos meus braços e no meu peito, começando a conhecer o mundo pertinho da mãe. Eu renasci mulher, renasci mãe. Renasceu também uma sonhadora. Juro, filha. Nunca fez tanto sentido a perspectiva de outro mundo. Que lindo – e difícil – foi parir! Mas nós mulheres podemos. Toda dor faz brotar uma vida. Seja feliz, pequena! Sejamos! ♥

# TEMOS QUE NOS LIVRAR DA CULPA POR SENTIR

*21 de junho de 2020*

Há 15 dias você chegou pra nós! Um amor louco, indescritível, tomou conta de mim. Toda vez que olho suas mãozinhas, cheiro você, faço carinho no seu rosto, o amor parece que se multiplica. Confesso que chego a ter vontade de chorar quando penso nesse amor. Mas é preciso também dizer que não é fácil. Você está conhecendo o mundo. Saiu de um lugar quentinho, protegida, alimentada e tem de se acostumar a esse mundão. Também não é fácil pra mim, filha. Não é fácil pras mães: a recuperação do parto, a recuperação do corpo, a privação de sono, a entrega do meu corpo pra você na amamentação. Dói, é exaustivo. Às vezes parece que a gente não vai dar conta. Aí, vem a culpa: a culpa por reclamar da dor, a culpa pelo nosso choro de mãe, que se junta ao seu, nas madrugadas. Logo depois vem o amor de novo, a risada, uma alegria inenarrável de você estar nos meus braços.

É preciso que a gente fale das dificuldades desse primeiro momento da gente juntas, filha: das suas dificuldades e das minhas. Temos que nos livrar da culpa por sentir. Temos que desconstruir uma

maternidade romantizada que silencia sentimentos que devem ser mesmo falados e experimentados, nesse momento. Escrevo isso enquanto te olho aqui do meu lado. Linda. Amada, tão amada! A dor dos seios ainda machucados se mistura a uma alegria linda de ver você toda suja de leite, de tanto que mama. O cansaço e a dor nas costas se misturam com a felicidade de te dar colo, muito colo. Porque é disso que uma bebê recém-nascida precisa: colo e peito. Colo e peito, pra você ir se adaptando a esse mundo. Colo e peito, pra eu fortalecer esse amor que só cresce desde que você saiu de mim. Há 15 dias você chegou. E me fez renascer mulher e mãe. Te amo tanto, pequena!

# PARA EQUILIBRAR TUDO

6 de julho de 2020

Nos encontramos fora da barriga há um mês. Você nasceu, eu renasci mulher e mãe. Não é fácil cuidar de uma recém-nascida, eu e seu pai estamos ralando, aqui! São noites sem dormir; o aprendizado da amamentação – eu me entregando a você, você aprendendo a mamar, numa conexão sem igual, nós duas lutando juntas pra enfrentar as dificuldades; o banho; as unhas; suas roupas; as fraldas; entender o significado dos seus ruídos e choros... Imagino que também não seja fácil pra você estar no mundo, com tudo imensamente novo. É tudo novo e difícil, sim! Mas é muito mais lindo e profundo que qualquer coisa. Você já cresceu tanto, desde que nasceu! Olha pra mamãe e papai, atenta. Descubra coisas ao seu redor. Redescobre suas mãozinhas, cada dia de um jeito novo. Sorri, com suas covinhas. Agarra o meu peito, quando mama. Te observar tem sido a coisa mais incrível da minha vida!

Eu sempre tive muita dificuldade de pausar, sempre fui muito ansiosa e servindo a um tempo tão veloz. A luta por um mundo bonito transformou minha vida num furacão. Me *endureceu* – e

não tinha como ser diferente, mesmo. Mas você chegou pra equilibrar tudo, Moana Mayalú! Há tempos não olhava pra dentro de mim e pro futuro de forma tão profunda, um pouco mais calma, também; e com mais respeito a um tempo que não é só meu. Só mesmo você poderia me devolver um pouco de leveza e alegria. Por aqui estamos exaustos, pela trabalhadeira que esse cuidado intenso provoca, mas também por esse momento sombrio do nosso país e do mundo, que nos deixa desesperados. Mas nunca tive tanta esperança, tanta felicidade, tanta força, tanta certeza de que é urgente arrancar a flor do asfalto. Obrigada, filha! Obrigada por tanto!

## POR NÓS DUAS

30 de julho de 2020

Eu amo amamentar: o pele a pele com a pequena, a troca de olhares, o cheirinho dela... Adoro vê-la segura, agarrada aos meus peitos. É como me sinto segura, também. Mas amamentar é também um grande desafio. A gente escuta, a todo tempo, que é um *ato de amor* tão natural quanto respirar e aceitamos o inaceitável. Negligenciamos a nós mesmas, ignorando as dificuldades. Não falamos sobre elas. Afinal, se é um ato de amor, ai daquela mãe que reclamar de amar! Por aqui, precisei reconhecê-las: tive feridas, dores agudas por muito tempo; amamentei chorando, inúmeras vezes! Demorei a reclamar. Demorei a aceitar que estava difícil o *ato de amor* sem ajuda. Ouvia tanto é assim mesmo que demorei a entender o que já sabia: não é pra doer!

Mayalú fez uma cirurgia de um freio no lábio, que melhorou radicalmente a amamentação. A *pega* tá ótima e as dores, raras! No meu caso, essa foi uma intervenção necessária. Tantas outras vezes, basta uma pequena mudança de postura, pega ou qualquer outra coisa que, corrigida, torna a relação da duplinha mãe-bebê mais leve e gosto-



sa. É pra ser leve; mas tiram o direito da gente de pedir ajuda. Mesmo eu tendo muita informação e profissionais maravilhosas por perto, no meu íntimo aceitava a dor, no melhor (pior!) estilo *ser mãe é padecer no paraíso*. Isso não tem nada a ver com ser mãe! Tudo ficou fácil pra mim agora? Claro que não! Amamentar é uma entrega. O peito enche, arde, as madrugadas são exaustivas, é o nosso corpo totalmente disponível pra nossa bebê. Mas o cansaço é vencido pela certeza do poder do leite materno, do poder desse vínculo com nossa cria. Leite materno cura, amamentar cura, e cura mesmo – na contramão do que a indústria de alimentos infantis, fórmulas e afins tenta empurrar pra nós. Mas, pra ser cura, é preciso que a gente possa falar das dificuldades e ter ajuda pra atravessá-las. Por aqui, o novo desafio é a suspeita de alergia da Moana à proteína do leite de vaca. A restrição é grande (que alimentação equivocada a nossa!), mas tô encarando como mais um ensinamento trazido por essa pequena. Sigo na certeza de que amamentar minha filha é uma das coisas mais poderosas que posso fazer por ela. Por ela e por mim. Por nós duas.

## ESSA REVOLUÇÃO<sup>8</sup>

*15 de agosto de 2020*

Ainda em tempo, antes de terminar o Dia da Gestante... Confesso que essa barriga já dá saudade! Esse registro foi na semana que pari. Já tava entrando na semana 41. Eu era uma mistura de ansiedade, alegria, medo, expectativa... Tantos sentimentos tomavam conta de mim! Eu apenas imaginava a revolução que me esperava. Que lindo foi concretizar essa revolução! Que lindo foi o nascimento da Moana Mayalú! Que lindo e potente foi (re)nascer mãe! No país em que tantas mulheres não têm acesso adequado ao pré-natal, em que tantas são vítimas de violência obstétrica, em especial nós negras, preciso reconhecer o privilégio da assistência que tive enquanto gestante. E, o mais importante, lutar pra fortalecer o SUS e fomentar políticas que envolvam a saúde e os direitos de nós mulheres.

É preciso garantir o direito de gestar e parir. É preciso também garantir o direito das mulheres que não queiram parir. Nestes tempos de avanço do conservadorismo, do fundamentalismo que

---

<sup>8</sup> Ver foto na página 83.

ocupa as cadeiras do poder, seguimos na contra-  
mão em defesa dos nossos direitos sexuais e re-  
produtivos. Lembrar da minha barriga, ao mesmo  
tempo que olho pra Moana Mayalú, só me faz ter  
certeza de estar do lado certo da história. Viva o  
SUS! Viva a luta de nós mulheres! Viva a esperan-  
ça abrigada nas barrigas que crescem por aí, nes-  
tes tempos esquisitos!

# UM DESABAFO DE MÃE

9 de outubro de 2020

Moana Mayalú foi a coisa mais linda que me aconteceu na vida. Mas a maternidade é exaustiva. Ainda mais em uma pandemia. Ainda mais em uma situação de tensão, imposta a mim e a minha família. Ainda mais longe dos nossos, quase sem rede de apoio. Estou exausta! E escrevo isso aqui, neste espaço “público”, porque *afirmar isso também é político*. Voltei a trabalhar quando Moana tinha apenas 3 meses e 20 dias. Como é possível uma legislação tão antimulher e antibebê? Cuidar da minha filha e da casa, amamentar a cada hora e exercer o mandato de deputada têm sido dureza. Imagino que seja ainda mais difícil pra algumas mulheres. Mas – embora a minha equipe maravilhosa esteja me salvando! – é preciso dizer que estamos inseridos numa sociedade que não compreende. Exige. Exige. Exige. Cobra que a gente volte do furacão que é parir e maternar exatamente como antes e a verdade é que nada será como antes. Não é pra ser!

Se compreendessem o quão grande e importante é cuidar de um bebê que um dia será adulto, parte do futuro, seria menos difícil. Se entendes-

sem que amamentar em livre demanda é muito importante, mas que exige energia, apoio e tempo, seria menos difícil. Seria menos difícil se a licença-paternidade também fosse maior. Seria menos difícil se houvesse licença parental. Seria menos difícil se o trabalho em casa, se o trabalho reprodutivo fossem reconhecidos como *trabalho de verdade*, neste mundo que só quantifica o que dá lucro. A maternidade é uma expressão tão gritante das desigualdades de gênero... Eu achava que entendia as mães, mas no fundo não tinha a dimensão do trabalho invisibilizado delas.

Estou exausta; mas cada vez mais convicta de que temos que seguir lutando muito pra garantir uma estrutura de cuidado coletivo das nossas crias, de cuidado com as mães – que também precisamos ser cuidadas. Ora com Moana no braço, ora nos peitos, sigo nas reuniões, sessões e demandas infinitas. Que a gente supere o patriarcado! Que mais mulheres mães ocupem a política e todos os lugares que quiserem pra que todas essas questões não sejam jogadas pra debaixo do tapete ou minimizadas! Vivam as mães que lutam, as mães que tão no corre pra proteger suas crias! Vivam!

## MAIS UMA REFLEXÃO DE MULHER E MÃE

*17 de outubro de 2020*

Parece bobo, mas é sério: minha filha levou hoje seu primeiro tombo, com 4 meses. A primeira frase que escrevi foi “Deixei minha filha cair hoje”. Respirei, apaguei, a corriji... Minha filha levou o primeiro tombo. Por que é tão natural a culpa ser nossa? Eu tava trocando a fralda, saí de perto um segundo pra abrir a janela, bem do ladinho da cama. Em poucos segundos, aconteceu tudo: o barulho, o choro dela, o meu choro... O meu choro de preocupação e mais de quê? Culpa! Meia hora antes, tinha colocado um macacão nela. Quando vi, Moana tava com a boca toda suja de azul. Como saber que saía tinta do macacão que já tinha sido lavado? Mas o que eu senti? Culpa! Depois da boca azul e da queda, fomos dar uma volta com ela na rua, tentando respeitar todo o protocolo de saídas em tempos de Covid. Na volta, fiquei pensando na pandemia, nos riscos, nessa coisa toda. O que eu senti de novo? Culpa! A culpa chega quando eu tenho que trabalhar com ela na frente do computador. Mas, se não fico com ela, o que sinto? Culpa! A culpa chega quando me sinto exausta e, lá no fundo, queria um dia intei-

ro pra dormir sozinha. A culpa tá firme e forte quando a dedicação natural à filha provoca mudanças enormes na vida familiar. A culpa chega até quando penso que – supostamente por minha causa, por eu ter sido obrigada a sair do Rio por um tempo – Moana Mayalú tá crescendo longe de tanta gente amada.

Enquanto mulher feminista, sei que isso é um absurdo. Mas o fato é que a gente sente culpa desde meninas. Depois de adultas, mais culpas. E se, por acaso, nos tornamos mães, a palavra *culpa* fica escrita na nossa testa. A desigualdade de gênero é muito cruel. Mulheres muitas vezes adoecem, suportam violências, se calam. E a culpa, na maioria das vezes, tá ali, como expressão brutal do patriarcado e da opressão, provocando tanto silêncio e dor. Por isso resolvi vir aqui escrever sobre as tantas culpas que senti hoje: pra gritar bem alto que elas não são minhas; pra acolher, também, cada mulher e mãe que tem se sentido culpada todo dia; pra encorajar aquelas que, pelo sentimento de culpa, seguem violentadas, de diferentes formas. Parece bobo, mas é sério. Qual culpa você vai jogar fora hoje?

# VIVAM AS MOANAS!

*12 de novembro de 2020*

Eu sou a mãe da Moana Mayalú. Eu sou um monte de coisa e longe de mim reduzir mulheres mães à maternidade. Queremos existir enquanto mulheres que somos! Mas ser mãe me transformou totalmente. Desorganizou/reorganizou tudo. A maternidade chegou como um furacão, tirando tudo do lugar (tirar do lugar é muitas vezes colocar as coisas no lugar certo). Eu sou a mãe da Moana Mayalú e agora tem coisa que não importa mais – não quero nem saber! Outras coisas se tornaram tão mais necessárias e intensas. Eu tenho um bocado a mais de medo, mas cada vez mais e mais e mais tenho a coragem que estes tempos exigem. Eu tenho mais tristeza por este mundo merda, mas muito muito mais disposição e urgência de transformá-lo. Eu tenho mais raiva das injustiças com as quais Moana conviverá, mas tanta, tanta, tanta esperança nas gerações de crianças que vão fazer um futuro melhor!

Eu tenho mais, muito mais indignação com os que usam ódio como método pra fazer política, mas muito mais uma convicção inexplicável de que meninas como minha filha derrubarão esses



caras. Olha, tá duro! É um momento esquisito, um bocado sofrido e preocupante. Mas, além de tudo que sou, sou mãe de Moana Mayalú. E isso me dá a dimensão da força que tenho; da força que nós temos; da força que nossas ancestrais deixaram pra nós mulheres, pra nós mulheres negras. Eu sou a mãe da Moana Mayalú e isso me faz ter certeza que o patriarcado vai tomar o poder pra devolver o poder pras maiorias. Ser mãe da Moana Mayalú me ajuda a lembrar que nunca andei só e só nunca estarei. Viva a resistência das que vieram antes de nós! Vivam as Moanas que nascem por aí! Viva a resistência feminina, feminista, negra, popular! Viva!

## NUM TÃO, TÃO, TÃO DIFÍCIL INÍCIO...<sup>9</sup>

*5 de dezembro de 2020*

Há seis meses, te alimento com meu corpo. Isso é tão incrível, lindo, mas, na mesmíssima medida, muito difícil! Por isso, quero comemorar. Quero celebrar o fato de continuar conseguindo te alimentar em livre demanda num país em que mulheres amamentam, em média, apenas 54 dias. E só posso celebrar essa conquista – sim, conquista! – porque tive muitas coisas que não são garantidas à maioria das mães brasileiras, especialmente a nós, mães negras: rede de apoio; comida saudável na mesa; informação; acolhimento; assistência de profissionais que me ensinaram tanto, num tão, tão, tão difícil início – doula, pediatra, parteiras incríveis. Nada disso deveria ser privilégio. Mas é. Os que ocupam o Estado deveriam olhar para as mães e suas crias; priorizar mães e crias. Quando as políticas públicas não priorizam a primeira infância e não dão condições para as famílias cuidarem das suas crias nesse momento tão determinante para um ser, as consequências são muito graves e a gente pode vê-las explícitas

---

<sup>9</sup> Ver foto na página 84.

nas duras estatísticas brasileiras.

Das vergonhosas licenças-maternidade e paternidade à falta de creche; da violência obstétrica à pobreza, que tira a comida saudável da mesa das mães; do desemprego às balas que matam crianças pretas que só queriam brincar, tem tanta coisa pra se fazer e pra enfrentar e pra construir... Toda vez que olho Moana Mayalú crescendo saudável, linda, esperta, ganhando cada dia mais habilidades e autonomia, eu tenho mais convicção que a minha – a nossa! – maternidade precisa ser política. Nunca tive tanta certeza de que nosso mandato, a nossa luta, todas as lutas precisam ser espaços para as mães e suas crias. Tem sido uma enorme aprendizagem materno. É uma experiência gigante e só posso, a partir dela, fortalecer a luta para que todas as famílias, todas as mães e todas as crianças tenham o direito à felicidade, à convivência, à saúde, à vida garantido. A política não pode secundarizar esses corpos que definem o futuro e fazem o presente. Obrigada, filha, Moana Mayalú, por me ensinar e me dar tanto! Um abraço em todas as mães que tão no corre, por aí. Um abraço bem apertado! Ah, e se deliciem com o início dessa fase nova da pequena, que está curiosa e amando conhecer os alimentos! ♥

## MOANA NA CÂMARA

27 de janeiro de 2021

Moana Mayalú foi comigo, pela primeira vez, à Câmara. Foi mais um dia de luta pelo *impeachment* de Bolsonaro e contra a sua política genocida. Mas, hoje, queria apenas compartilhar o misto de sentimentos de estar com ela lá. Eu tinha alguns medos: como seria estar com a maior doçura e leveza da minha vida nesse lugar tão hostil ao meu corpo, à vida do povo e das crianças? Como seria tocar as reuniões presenciais com ela no colo? Choro? Irritação? Como lidar com essa coisa esquisita – não deveria ser esquisito, mas é! – que é ser uma pessoa pública e mãe de bebê? Por muitas vezes, pensei em não aparecer nunca com ela; em não postar nada sobre ela; em não misturar a minha vida como parlamentar com a minha vida ao lado da minha pequena filha. Mas isso é impossível! Não se separa a mãe da parlamentar. Não separaremos nunca mais nosso mandato das questões que envolvem a maternidade e a primeira infância. Não posso, com tudo que envolve ser mãe neste país, com essas marcas, neste tempo, esconder a minha maternidade. Nossa maternidade, como sempre digo, é necessariamente polí-

tica. Repetirei isso milhões de vezes.

Moana não chorou. Observou tudo, mamou, riu, observou mais. Mamou mais. Encarou estar ali no trabalho da mãe com a mesma curiosidade e atenção que tem encarado as tantas novidades na vida de uma bebê. Ainda estamos longe de ver os espaços da política institucional prontos para acolher nossas crias. Ainda estamos longe do dia em que nosso corpo de mulher, de mulher negra, ocupará as Câmaras Brasil afora sem constrangimentos e violências. Mas não nos retiraremos dos espaços, por mais desafiador que ocupá-los seja. Somos nós, mulheres, que fazemos a roda girar. A política, que é o preço do arroz, que é o preço da passagem, que é levar filho na creche, que é enfrentar a falta da creche, que é o corre do cotidiano, é sustentada por nós e não é de agora. Não existe mundo em funcionamento sem nós mulheres, sem nós mulheres mães. Bora, então fazer política nas ruas; no parlamento; em todo canto. Com crias no peito, leite vazando, com criança falando alto, correndo e tudo mais. Que nosso corpo e os das nossas crias caibam em todos os lugares!

# MEU COLO É SEU ACONCHEGO

*28 de fevereiro de 2021*

Quanto julgamento recai sobre uma mãe? Quantos dedos apontados para os nossos rostos exaustos? Quanto controle sobre nosso materno? Esta semana, Moana ficou um tempo comigo no plenário da Câmara. Ela já estava há umas 10 horas com o pai. Saí de casa pela manhã e não parei. Ela mamou na hora do almoço (almoço que não tive!), mas logo precisei voltar pras reuniões. A tentativa de barrar uma votação antipovo, a responsabilidade de liderar a bancada do partido, a seriedade com a qual encaro a vida pública exigem dedicação. Mas isso deveria ser incompatível com a maternidade? Eu escolhi não aceitar ser expurgada da tarefa para a qual fui eleita. Não se separa a parlamentar da mãe. E eu vou seguir fazendo de tudo para ser a melhor parlamentar que puder. E a melhor mãe que eu conseguir, também. Quando viralizou minha foto com Moana no plenário, recebi muitos abraços, mas também muito julgamento. “Como tem coragem de expor uma neném na pandemia?”, “Isso é um crime!”, “Que vergonha!”, “Quem não tem tempo não deveria ter filho!”... Mas meu leite é a maior proteção da

minha bebê. Meu colo é seu aconchego.

O melhor lugar para uma bebê se desenvolver é ao lado da sua mãe. Se é fato que o Congresso é um lugar em que mulheres e crianças não são bem-vindas, isso é que precisa mudar. Nós somos parte dessa mudança. Se é fato que eu preferia estar em casa numa pandemia, é também fato que não vou abandonar nem meu trabalho, nem minha cria. Aliás, quantas mulheres não têm essa possibilidade? Quantas mães trabalhadoras, negras, terceirizadas estão servindo cafezinho pra deputados e desesperadas com suas crias em casa, sozinhas, sem as escolas, fechadas pela pandemia, sem rede? Quantas cuidadoras estão sem ter o que fazer com seus filhos enquanto cuidam dos filhos da elite brasileira? É isso que deveria espantar e revoltar, não eu estar com minha cria grudada em mim, durante um discurso! Deveria revoltar licenças-maternidade e paternidade ridículas! Deveria revoltar as tantas mães desamparadas, sem auxílio emergencial, na pandemia! Da minha parte, vou seguir lutando pra mudar isso tudo. E, aonde eu estiver, vou exigir que lá caiba minha cria. Nossa maternidade, mais uma vez digo, é necessariamente política.

## UM MUNDO QUE NÃO RECONHECE<sup>10</sup>

*21 de março de 2021*

Esta foto expressa minha vida hoje. Está muito difícil. Saudade que dói, da minha família e da minha cidade. Moana quase andando e tá todo mundo longe. Amigos com filhos bebês e a gente aqui, sem poder compartilhar este momento. No meio do caos, topei a tarefa de assumir a liderança da bancada do PSOL. Todos os dias, vivo experiências que me fazem ter certeza da importância de ter lá uma mulher negra e mãe. Mas, todos os dias, também, me questiono se devia ter topado. A privação do sono – minha filha mama muito, à noite – exige um esforço muito maior pra me concentrar. Não consigo mais ler o jornal tão cedo. Tenho que alimentar Moana e organizar o dia dela. E, quando consigo engatar no trabalho, ainda sigo mãe. Se estou trabalhando de casa, preciso fazer reuniões e sessões com ela no peito, com ela gritando, com ela me demandando. Se estou na Câmara, muitas vezes tento vir correndo, entre uma votação e outra, um discurso e outro, pra vê-la e alimentá-la. Quando não dá, lido com

---

<sup>10</sup> Ver foto na página 85.



leite escorrendo nas minhas pernas (porque não dá tempo de parar pra tirar!). Minha sensação é que sempre estou atrasada nas tarefas.

Ser mãe é ter sempre algo por fazer. Isso tudo num mundo que não reconhece amamentar como trabalho, trabalho doméstico como trabalho, trabalho reprodutivo como trabalho. Um mundo que não reconhece que, pra vida funcionar, há *sempre* uma mãe trabalhando – seja como for! Mas, se todo dia questiono minhas condições de assumir plenamente a tarefa da liderança e do mandato, todo dia decido me manter firme nela. Quantas mães têm sua condição de trabalhadora ignorada? Quantas mães são ainda mais massacradas por esse sistema patriarcal, capitalista, desigual, perverso? Em tempos de pandemia, as desigualdades que fundam nosso Brasil e recaem sobre corpos femininos, negros, de mães trabalhadoras estão escrachadas. Aqui está difícil, mas para algumas outras mães está impossível – o preço do arroz, o desemprego, a falta d'água, a fome, a falta de leite, 365 reais pra mães solas, que não pagam nem uma cesta básica, escolas fechadas, ônibus lotados... E quem cuida de quem cuida? A violência desse Estado, que sufoca nosso povo, chega de forma muito mais dura pras mulheres mães. Mas seguimos.

## EU NÃO PERCEBIA A BELEZA NA JANELA<sup>11</sup>

28 de março de 2021

A maternidade também tem sido minha salvação. A sobrecarga (aprofundada pela pandemia e pela distância da *minha* casa, pelas ameaças à nossa família etc.) não diminui o amor e o tamanho da gratidão que tenho pelo que minha filha me proporciona. Moana Mayalu é minha coragem, meu ânimo pra luta, minha certeza de que o novo virá. Cada gargalhada, cada curiosidade que vira um novo aprendizado, cada olhar que trocamos, tudo, tudo isso se transforma em poesia. Todo dia, quando acorda, Moa pede pra eu abrir esta janela. Depois, sempre com um gritinho de entusiasmo, observa, mostra as coisas que gosta, aponta pras roseiras que vemos da nossa janela. Na maioria das vezes, tem uma nova flor. Eu não reparava nas rosas vermelhas e brancas antes da minha filha se apaixonar pela janela. Eu não percebia a beleza que era possível olhar da janela. Moana me ensina todo dia a ver mais beleza no nosso quintal. Me ensina, com seu olhar atento e curioso pro mundo do lado de lá da janela, que há alegria. Me lembra de não deixar nos roubarem a alegria. Como as rosas que nascem no nosso quintal, a flor nascerá do asfalto: esperança. Obrigada por tanto, filha.

---

<sup>11</sup> Ver foto na página 86.

## O MAR

*25 de abril de 2021*

Mayalú finalmente conheceu o mar. Nós estávamos há uns 8 meses sem pisar no Rio. A pandemia se juntou a uma inaceitável violência política: ficar longe de casa foi – tem sido! – uma imposição. Às vezes tenho raiva; na maioria das vezes, tristeza. Minha ida de um único dia, pra tratar de questões relativas à segurança, acabou sendo a coisa mais linda e emocionante dos últimos meses. Moana andou na areia. Provou o salgado do mar. Gritou de alegria quando sentiu o geladinho da água no corpo. Foi um rápido mergulho, mas tão, tão, tão, lindo! Nestes tempos duros, conseguir ir em casa renovou um pouco minha esperança. Encontrei esperança no mar da minha cidade. No tímido e cuidadoso abraço na minha mãe. Que bom foi estar em casa! Que triste foi não poder abraçar de verdade, encontrar todo mundo e lá ficar! A vontade de ver Mayalú crescer correndo no quintal da vovó e vendo o mundo pela janela da varanda no colo da bisa grita, aqui. O desejo de ver essas gerações de mulheres se reconhecerem umas nas outras ficou ainda mais imenso. Por isso, a alegria foi breve, mas inenarrável. Por isso, a volta doeu um

bocado. Mas o mar segue lá, esperando a gente voltar. E a varanda e o quintal, também. E a mãe, a vó, a bisa – esse matriarcado potente – também aguardam o nosso retorno. Haverá retorno. Não demora, a gente volta pro mar, filha. As águas estão se renovando pra nos receber com muitos abraços. Protegidas pelas águas, logo, logo voltaremos. ♥

# FILHOS VÃO, NÉ?

*2 de maio de 2021*

Moana Mayalú começou a caminhar sozinha. Isso pra mim é tão, tão, tão grande que nem sei descrever o que sinto! Parece que foi ontem que eu pari, que minha filha saiu de mim tão pequenina, dependente, um pouco assustada com este mundão. Eu estava tão assustada quanto ela: tinha renascido mãe! Por tantos meses, fomos uma só. E, à medida que fomos nos separando, entendendo que cada uma era um ser diferente – ao nos dividirmos – multiplicávamos ainda mais nosso amor. Esse processo ainda está em curso. Ainda sinto que meu corpo é quase todo dela. E ela ainda age como se fosse dela mesmo (rs). Mas aprendemos, cada dia mais um pouquinho, que somos duas. Moana Mayalú caminha sozinha e eu me emociono quando penso que bebês crescem. Com 10 meses e pouco de vida, minha filha está experimentando um pouco a liberdade.

Filhos vão, né? Sei que é cedo pra pensar nisso, mas a cada passinho que ela dá sem segurar minhas mãos sinto o frio na barriga de uma mãe que sabe que um dia a cria irá pro mundo. A maternidade é mesmo uma das maiores formas de aprend-

der a não querer controlar tudo. Dá medo, um medo danado! Mas também dá felicidade, uma felicidade inenarrável! Moana Mayalu está começando a andar. Vai, filha! Cai! Levanta! Corre! Caminha! Voa, meu amor! Que bom te ver assim atenta, curiosa, conversadeira. Minha mão sempre vai estar aqui pra você segurar quando quiser ou precisar. O que eu mais desejo é que a gente consiga melhorar o máximo possível este mundo pra ela caminhar livre, segura e feliz. Ela e tantas outras crianças que têm direito a um presente e um futuro de alegria. Seguimos na luta, especialmente pelas crianças.

# FOGUETE

10 de maio de 2021

Ainda em tempo de declarar meu amor... Moana Mayalú saiu de mim ao som de *Foguete*. Ela nasceu e, cada vez mais intensamente, descobre o mundo. Eu renasci mãe. A maternidade é sofrida, trabalhosa, difícil. Mas é também a coisa mais emocionante da minha vida, a maior coisa que já fiz. É tão grande ser mãe! E tão belo, também! Sonho com um mundo que reconheça a grandeza, o trabalho, a importância e a força de nós mães. Amanhã escrevo mais; por hoje, queria só agradecer a minha bisá, minha vó, minha mãe – às matriarcas que me fizeram a mulher que sou. Meu maternar, sem dúvida, acompanha essa ancestralidade. E agradecer a minha filha, Moana Mayalú, por me permitir esse renascimento. Todo dia, na troca com ela, tenho a oportunidade de ser uma pessoa melhor, mais leve, mais feliz e muito, muito, muito mais esperançosa.

## **Foguete**<sup>12</sup>

Forrei cama, cobri mesa  
E fiz uma cortina  
Varri a casa com vassoura fina  
Armei a rede na varanda  
Enfeitada com bonina  
Você chegou no amiudar do dia  
Eu nunca mais senti tanta alegria  
Se eu soubesse soltava foguete  
Acendia uma fogueira  
E enchia o céu de balão  
Nosso amor é tão bonito e tão sincero  
Feito Festa de São João

---

<sup>12</sup> Composição de Roque Ferreira e Jota Velloso, gravada por Mariene de Castro e Maria Bethânia.



# MENINOS PRETOS DA FAVELA TÊM MÃES

*23 de maio de 2021*

São tempos difíceis para nós mães: trabalhar com filho subindo no computador ou agarrado no peito; achar criatividade pra brincadeira nova, no mesmíssimo tempo de uma reunião... Nos casos dos *pequenos maiores*, há que se lidar com a tristeza da saudade da escola, dos amigos. Criança não combina com solidão. E, se os filhos vão pra escola, existe o medo da contaminação. Os medos... São tantos medos multiplicados, na pandemia. Eu tenho tido muitos medos. Mas há mães lidando com medos que escracham o horror deste Brasil desgovernado, como o medo da fome que, hoje, atinge metade dos brasileiros. Imagine uma mãe não conseguir alimentar sua cria! Há o medo de uma bala de fuzil encontrar o corpo do seu moleque. Quantas mães têm seu direito de maternar interrompido pelo Estado? Quem olha para as mães dos meninos do Jacarezinho? Sim, eles tinham mães! Meninos pretos da favela têm mães, histórias, sonhos. Quem resolve o dilema da mãe que tem que escolher se leva feijão ou arroz? As motos todas que apoiaram esse presidente e seu auxílio de 150 reais passam por cima de milhões

de mães brasileiras. As famílias que dizem, sobre a *chacina* do Jacarezinho, que *era tudo bandido mesmo* passam por cima das mães de João Pedro, Ágatha, Marcus Vinícius, Maria Eduarda... E por cima das mães de tantas *crianças*, assassinadas pelo braço armado do Estado.

Olha, eu estou muito exausta e é dureza ser mãe na pandemia. Mas a nossa luta, enquanto mulheres mães, não pode deixar nenhuma de nós pelo caminho. Que mães tiveram menos acesso a consultas e exames no pré-natal? Quem são a maioria das vítimas de violência obstétrica? Quem são as que amamentam menos, por não terem condições objetivas mínimas pra fazer isso? Quem são as que morrem na fila de um SUS colapsado? Quem são essas mães? Nós mães não somos abstratas. Nossas realidades objetivas, diversas, precisam ser encaradas. Quando vejo Mayalú caminhando, brincando, comendo, mamando, feliz e se desenvolvendo, sei que isso é fruto do meu esforço como mãe e do de Felipe como pai. Mas, não reconhecer os privilégios do meu maternar seria ignorar a maioria das mães brasileiras. De partos respeitosos ao direito de ver nossas crias crescerem vivas, nenhuma pauta pode ficar de fora. Nenhum corpo de mãe pelo caminho!

# O ALIMENTO MAIS COMPLETO DO MUNDO

*26 de maio de 2021*

O dia foi longo e Moana Mayalú precisou ir ao trabalho da mamãe dar uma mamadinha. Que bom ter esse privilégio! Que triste algo tão fundamental pro desenvolvimento das nossas crias ser privilégio! Não é à toa que a média de amamentação no Brasil é de estarrecedores 54 dias! Falta licença-maternidade, rede de apoio, alimentação adequada e até mesmo informação para a maioria das mulheres mães brasileiras. Além disso, há uma cultura que não reconhece a amamentação como direito da mãe e da cria; um patriarcado que tenta constranger nós mulheres quando amamentamos em público. E, óbvio, a indústria da fórmula se aproveita pra vender e lucrar.

Não estou dizendo que é fácil. Por aqui, tenho pensado muito em como fazer das minhas noites menos exaustivas, pra conseguir dormir um pouco mais e aguentar a rotina de trabalho extenuante. Mas, infelizmente, pra maioria das mulheres não é permitido nem que essa seja uma questão. Quem dera tivéssemos políticas públicas que entendessem à importância das crias estarem perto das mães! E que reconhecessem que, pra fazer o

alimento mais completo do mundo – o leite materno – chegar nas crias todas, é preciso *alimentar* – de cuidado – as suas mães. Aproveito, nestes tempos duros de pandemia, pra lembrar que uma mãe lactante vacinada vale por dois! Que incrível nossos anticorpos chegarem, por meio de nós, até nossos bebês e crianças! Seguimos na luta: por vacina, direito ao materno e direito à primeira infância feliz e livre! ♥

# ANIVERSÁRIO DO MEU AMOR MAIOR

*6 de junho de 2021*

Quero celebrar (sim, celebrar!), um ano de maternagem! Há um ano renasci mãe, Felipe nasceu pai e Brownie conheceu sua parceira de gritinhos e brincadeiras. Ele deve ter renascido, também (rs)! Escrevo aqui extremamente emocionada! Moana Mayalú chegou como uma revolução na minha vida, depois de 41 semanas e 3 dias no meu ventre. Redimensionou tudo. Me devolveu leveza, me fez mais forte, me trouxe convicção sobre os caminhos da luta. Nossa pequena chegou como força da natureza – não é à toa que seu nome é mar, floresta, lua. Cada dia, Mayalú me revela um mistério da vida, me arranca um sorriso de esperança no meio da exaustão. Há um ano eu pari. De lá pra cá – em tempos de governo autoritário destruindo tudo – teve ameaça de milícia, mudança forçada de casa, pandemia, choro, perdas imensuráveis, solidão; teve medo de não dar conta, teve mais e mais medos, teve peito machucado, teve angústia – teve muita angústia! Mas, de lá pra cá, teve um amor que nem posso traduzir. Que privilégio poder gerar, parir e maternar Moana Mayalú! É verdade que a maternidade real é literalmente de-

esperadora (nem consigo imaginar o que significa isso pra mães solas, pra mães das periferias e favelas brasileiras, tão esculachadas pelo Estado!). Mas é igualmente verdade que a maternidade real – quando uma escolha! – é, também, profundamente encantadora. É o maior desafio da minha vida, sem a menor dúvida. E meu maior amor.

Neste um ano da nossa cria, quero celebrar a vida! Agradecer por essa oportunidade de ser uma mulher melhor e mais pronta pros desafios destes tempos difíceis. Obrigada, pequena, por tanto! Feliz aniversário pra você, pra mamãe e pra papai. Seja feliz, livre, justa!

# MÃES, DESABAFEM!

*12 de setembro de 2021*

Sempre que falo aqui sobre maternagem, faço algum desabafo, conto sobre minha exaustão. Mas hoje eu quero apenas falar do amor que sinto. Moana Mayalú é meu sol! Desde que ela chegou, tudo ganhou um novo sentido. Eu, realmente, renasci. Renasci uma mulher mais forte. Renasci uma mulher mais esperançosa. Renasci pra luta. Tá tudo muito duro – às vezes não acredito que nosso país atravessa momentos tão tenebrosos. Mas eu tenho certeza que faremos a travessia. Estamos fazendo isso. Toda vez que olho pra minha pequena, ganho fôlego pra construir um mundo de felicidade pra todas as crianças. Eu tô escrevendo aqui chorando um pouco. Chorando de amor por ela e de alegria, por vê-la crescendo tão, tão, tão curiosa e bonita e feliz. Atravessemos logo, pra deixar longe, estes tempos difíceis. Atravessemos logo pra que toda criança possa viver num mundo de liberdade e felicidade. Atravessemos!

Obrigada, filha, por me ensinar tanto! Por me ajudar a ter coragem! Por me devolver leveza e sonho! Te amo. Tanto. Tanto. Tanto.

## SONO

4 de outubro de 2021

Pra mim, a privação de sono é uma das maiores encrências da maternidade. Moana nunca dormiu bem. Com isso, meu puerpério foi de doer! Ela não dormia. Uma hora seguida? Luxo! As sonecas do dia? Meia hora! Quantas vezes eu “dormi” com ela deitada em mim, sem me mexer, pra não acordá-la! Tentamos tudo da tal *higiene do sono*: rotina, escuro, ruídos chatos... Pra muitas, funciona; aqui, não rolou. Moana dormiu seis horas seguidas duas únicas vezes: nos dias em que fez 1 mês e 1 ano. No primeiro, me iludi achando que era uma virada (rs)... Boba, fiquei conferindo a respiração. Perdi a chance. Na segunda, eu tinha bebido umas a mais pela primeira vez pós-parto e passei a noite botando os bofes pra fora! Mayalú deve ter deixado a coitada da mamãe, pelo menos, vomitar. Resultado desses 1 ano e 4 meses: não lembro de ter dormido mais de três horas seguidas. Duas horas? Raro! O *sling* salvou. A cama compartilhada, ao contrário do que dizem, salvou. Foi minha chance de dignidade. Amamentar deitada salvou. Foi a coisa mais revolucionária que nós mulheres inventamos – que otite o quê! Deixem as mães



amamentarem deitadas em paz!

Por que tô escrevendo tudo isto? Porque ainda é difícil. Porque tenho certeza que um monte de mães vivem isso e quero abraçá-las. Porque milagre do sono não existe, ainda que certas técnicas deem certo, pra algumas. Porque não é fácil voltar a trabalhar no mesmo ritmo. Porque é impossível ter a mesma vida sexual. Longe disso, aliás. Sexo daria um capítulo inteiro na história da maternidade. Porque, por mais que estejamos exaustas, não consideram isso na avaliação do quão maravilhosa ou não somos no “serviço”. Não ligam pra isso quando mães se atrasam. Porque a maioria dos patrões não se importam se a trabalhadora mãe não dormiu e pegou ônibus lotado, em pé. Escrevi tudo isso porque a privação de sono se soma ao cocô pra limpar, ao remédio, ao banho, à falta de creche pública, às febres, às vacinas, à falta de grana pra comprar o feijão. Somos nós, mães, repito sempre, que fazemos a roda do mundo girar. E nós dormimos muito, muito, muito pouco. Respeitem as mães. Exaltem as mães. Entendam de uma vez por todas que cuidado materno é trabalho.

## ECOSSOCIALISMO OU EXTINÇÃO!<sup>13</sup>

9 de outubro de 2021

Todo mundo sabe – porque já reclamei muito! – que fiquei zangada quando Felipe adotou Moqueca sem avisar, então vou pular essa parte. E, pulada essa parte, queria compartilhar essa dose de fofura com vocês! A maneira como Moana Mayalú se relaciona com os bichinhos, com a natureza é tão linda! Ela ama os cachorros, cuida deles, adora alimentar Brownie e Moqueca. Estabelece limites também e diz *não*, com um carão, quando não quer uma lambida. Nossa pequena se encanta com os pássaros e gosta de verdade de ouvi-los cantar. Ela dá gritinhos animados quando vê os macaquinhos que aparecem por aqui e, recentemente, gargalhou animadamente com sementes de ipê que voaram em seu rosto.

Vivemos um tempo horrível, em que seres humanos se acham no direito de dominar os outros animais e não agem como se partes fossem, também, da natureza. Outro dia, aprovamos uma lei que proibia tatuagens em animais. Que horror precisar de lei pra impedir que humanos tatuem

---

<sup>13</sup> Ver foto na página 87.

outros animais! O mesmo horror de um presidente antiambientalista, negacionista, que ignora a emergência climática em curso, a crise hídrica, as florestas queimando... No mesmo caminho, abraça ruralistas, madeireiros, grileiros e ataca povos e comunidades tradicionais, defende liberação de agrotóxicos terríveis e odeia o pequeno produtor.

Tá tudo errado e a gente tem que consertar. O futuro pode ser arrancado das crianças se esse ciclo ecocida não for interrompido. São as casas das pobres e negras que deslizam com as chuvas extremas, são as mulheres das periferias que ficam sem água com a crise hídrica. Eu acredito muito na nossa luta coletiva e nas crianças que amam a natureza e, já tão pequenas, se sabem partes dela! Nossa ideologia é floresta em pé, água limpa, ar puro e comida sem veneno. O futuro não pode ser arrancado das meninas como Mayalú. Lutemos pelo bem-viver. Ecosocialismo ou extinção!

# DIREITO À ALEGRIA

*8 de novembro de 2021*

Qual o tamanho do horror de mães sendo enforcadas com seus bebês no colo? Qual o tamanho da dor das mães de crianças assassinadas pelo Estado, pelas balas que sempre acham o mesmo corpo? Quantas crianças têm o direito à alegria roubado pela fome? A quantas mães é permitido apenas o desespero de não ter mais dinheiro pro feijão e pro gás?

Que a felicidade que é permitida a Moana Mayalú; que a possibilidade de dançar e gargalhar; que o direito de comer muitas frutinhas; que toda alegria seja garantida para todas as crianças e suas mães! A luta só para quando a felicidade for pra todo mundo.

# NÃO VAMOS PADECER EM LUGAR NENHUM; NEM NO PARAÍSO!

*14 de dezembro de 2021*

Toda reunião com criança fica mais bonita. O plenário da Câmara fica menos hostil quando levo Moana Mayalú comigo. Mas, se isso é potente, não tem nada de romântico. O Congresso Nacional não é um espaço preparado pra nós mães e nossas crianças. Raros são os espaços que estão prontos pra nos receber, essa é a verdade. Moana fez cocô e não tem trocador em nenhum banheiro. Moana ficou cansada, não tem nenhum espaço pra ela ficar um pouco longe do barulho. Quantas servidoras não têm o que fazer com seus filhos, enquanto trabalham no Congresso noite afora? Quantas mães empregadas terceirizadas não devem ficar desesperadas quando a sessão avança pela madrugada? Mas o que fazer, já que a licença-maternidade é só de quatro meses? O que fazer se não tem espaço de cuidado noturno pras crias? O que fazer se, pra maioria, sequer tem creche durante o dia? Não importa se há milhares de mulheres trabalhando na Câmara e no Senado, diariamente! Mulheres mães que se virem! Sei que vão dizer que aquilo lá não é lugar pra criança. E eu respondo de vol-

ta: mais do que ninguém, sei disso.

Mas não só os espaços de trabalho deveriam, sim, acolher mães e bebês, como muitas vezes não temos outra opção. Hoje, eu não tive outra opção. Estou exausta. Um ano pesado, uma pauta densa e antipovo sendo votada e – hoje sem outra opção – eu com uma bebê no braço. Onde estão os filhos de todos os homens que ali estão? Quando vamos fazer essa engrenagem de moer mães parar? Quando vamos discutir seriamente licença parental, ampliação de licença-maternidade, reconhecimento de trabalho reprodutivo e cuidado materno como trabalho? Quando vamos lembrar que, se não tem creche, é a mulher mãe que se lasca? Quando o parlamento brasileiro – o centro da política do país – vai dar prioridade a pautas que envolvam o direito de gestar, parir e maternar com dignidade? Quando vamos parar, aliás, de fomentar a lógica da maternidade compulsória e romântica? Esses *quandos* precisam ser já! Há muitas mães desesperadas, que não podem nem devem esperar. E há um mundo que só funciona com o sacrifício de um monte de mulheres, a maioria mães, a maioria pretas. E já chega de se sacrificar! Definitivamente, nenhuma de nós quer padecer no paraíso. Fica a dica. ♥

# TODA CRIANÇA TEM DIREITO A COMER, BRINCAR, SER FELIZ

28 de dezembro de 2021

Não são tempos de normalidade. Apenas 26% das crianças brasileiras têm acesso a 3 refeições por dia; 20 milhões de pessoas estão famintas – não comerão nem hoje, nem amanhã, talvez nem depois de amanhã; 55% de brasileiros vivem com insegurança alimentar, não têm os nutrientes necessários à saúde na mesa. Isso não é razoável. Não é normal.

E o mais inacreditável e horrorizante é que a fome de uma criança não choca, mas uma mãe furtar miojo pra alimentar seus filhos revolta os supostos *cidadãos de bem*. Isso não pode ser natural. Gratidão por minha filha ter comida na mesa. Um beijo em cada mãe que tá no desespero. Vamos virar esse jogo! Nossa luta só para quando toda criança tiver comida na mesa, respeito à infância e alegria.

# VEM, 2022!

*1º de janeiro de 2022*

Eu gosto de iniciar ciclos. Os *começos* ajudam a renovar a esperança, a fortalecer a luta. O tempo está sempre passando e é sempre tempo de recomeçar. Mas eu gosto de acreditar em viradas. O ano de 2021 foi um ano duro pra nossa gente: com o desespero da fome, da pandemia, das balas encontrando corpos de meninos pretos; um presidente autoritário, que cultiva o ódio e legitima uma série de violências. Minha amiga @luaneribeirovidal resumiu pra sua pequena Malu: “Bolsonaro é um grande vilão!”. Um vilão que tem nas costas milhões de famintos e mais de 600 mil famílias enlutadas. Um vilão dirige o Brasil e isso destruiu o país. Nosso trabalho na Câmara, no meio de tudo isso, não foi mole: pautas terríveis, ataques pesados ao mandato, ameaças de morte, medo... Pra nossa assessoria, foi muito pesado – nenhum descanso e sempre a sensação de algo por fazer.

Às vezes, nem acredito que, aos trancos e barrancos, demos conta. Conciliar a maternidade de uma bebê com a liderança da nossa combativa bancada, neste fatídico ano, foi pauleira. E, findado esse ciclo, olho pra trás e penso: como



foi possível resistir na trincheira do parlamento, nessas condições, com sessões madrugadas afora e com Moana no colo, leite escorrendo enquanto discursava, privação de sono e pautas-bombas no dia seguinte, cedo? Sou muito grata pela coletividade e solidariedade da nossa assessoria do mandato e da liderança do PSOL. Muito grata por ter um companheiro-fechamento, que segurou as pontas tantas vezes. Grata por ter pessoas como a @silvanapdasilva31, que sabe quando uma mãe tá no perrengue. Grata pela @escoladarvore, escola incrível e linda que acolheu nossa menina. Grata por estar viva, com saúde, pra seguir firme na luta. Grata por Mayalú ter me escolhido mãe e todos os dias me presentear com sua alegria e doçura.

O ano que passou foi, sim, terrível. Mas 2022 será a virada. Ano novo é tempo de promessas e, na maioria das vezes, as coisas continuam iguais. Mas, dessa vez, a mudança já está em curso. É hora de tirar o vilão do poder, derrotar seus aliados e trazer de volta a alegria que é parte do nosso povo. Vem, 2022! Estamos prontas pra enterrar um dos capítulos mais tristes da nossa história e sonhar muito, outra vez.

## O MUNDO É FEITO DE MÃES<sup>14</sup>

*13 de fevereiro de 2022*

A maternidade é um perrengue! Que furada essa coisa de padecer no paraíso! Eu tô sempre exausta e não sei o que é dormir há 1 ano e 8 meses. Não dou mais conta das coisas como antes, porque o cuidado materno é um trabalho que se sobrepõe a todas as outras coisas. Agendas até tarde? Não consigo mais como antes! Saudade das agendas com samba, aliás... Reuniões que mudam de data e horário em cima da hora? Provavelmente eu não vou ter com quem deixar minha filha. Na última sexta, precisei levar a pequena pra uma agenda superimportante: a sala de reunião ficou tomada de iogurte e granola, eu só ouvi metade das falas e não consegui sequer organizar bem meu pensamento, pra opinar. No meio da noite, com toda a razão, ela já estava gritando “Bora, mamãe!”. A política ainda é pouco acolhedora para os pequenos e a gente tem que mudar isso, né? Mais mães nos espaços políticos é tão importante porque só mãe sabe o perrengue de outra mãe. E o mundo é feito de mães, a roda só gira com mães e não é possível que não sejam visibilizados os perrengues daque-

---

<sup>14</sup> Ver foto na página 88.

las que fazem a vida acontecer – muitas vezes sem rede de apoio, sem creche, sem políticas que deem algum suporte pro maternas.

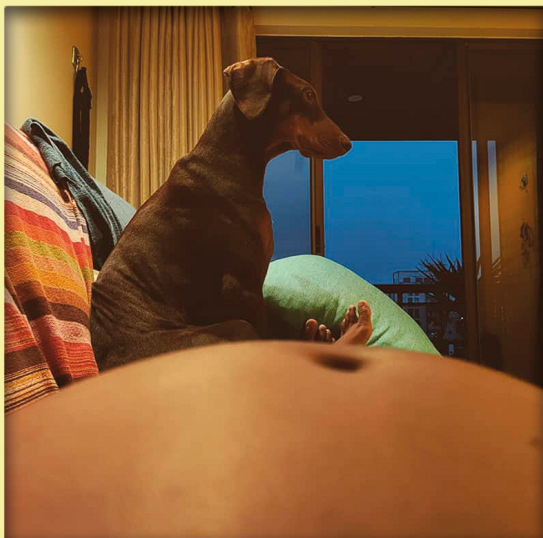
Maternidade é um perrengue e nem todo mundo entende que não dá mais pra ser no mesmo ritmo e no mesmo tempo. O tempo de Moana Mayalú – e de todas as crianças – não pode ser desconsiderado. Amanhã vou faltar a agendas importantes porque vou passar o domingo com minha menina: beijar, cheirar, brincar, ficar com ela sem olhar o celular. Porque segunda tem muito trabalho e terça é dia de ir pra Brasília – pela primeira vez, sem ela ♥. Privilégio o meu poder ficar com ela no domingo! Maternidade é perrengue danado: a gente não existe mais direito, como mulher (como @sadiandrea disse em um artigo); a gente sente culpa, a gente chora, a gente tá aonde mesmo? Mas também é uma vida que pulsa, um amor nada romântico que me ajuda a levantar e ir à luta. Moana Mayalú é meu perrengue e minha salvação! Enquanto ela dorme aqui do meu lado (por pouco tempo, como sempre!), eu olho esse rostinho e só posso agradecer por ser sua mãe. Meu perrengue, meu amor infinito, minha poesia... A maternidade é mesmo uma imensidão.

FEED AFETIVO

# FEED AFETIVO



taliriapetrone  
Brasil



JANEIRO 5, 2020

17,036 pessoas



(Brownie tá na foto porque quer já contar pro mundo que vai proteger a nova integrante da família!)

(página 17 | foto: #arquivopessoal)

TALÍRIA PETRONE

# FEED AFETIVO



talriapetrone  
Brasil



JUNHO 13, 2020

34,946 pessoas



Há uma semana, Moana Mayalú veio ao mundo. Entre uma mamada e outra, ainda dá tempo de usar a data pra contar a história do seu nascimento...

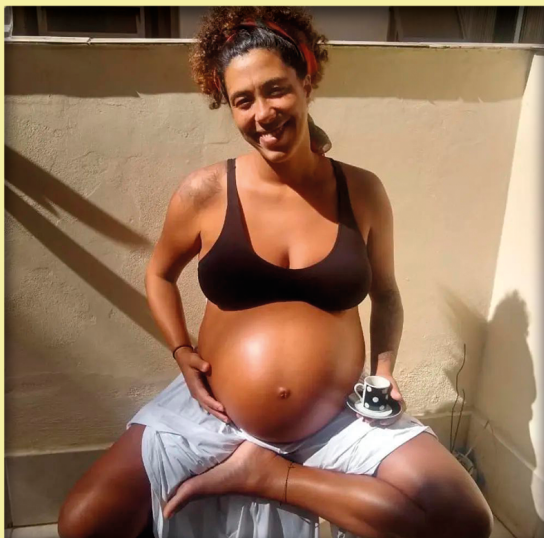
(página 23 | foto: #arquivopessoal)

TALÍRIA PETRONE

# FEED AFETIVO



taliriapetrone  
Brasil



AGOSTO 15, 2020

10,007 pessoas



Ainda em tempo, antes de terminar o Dia da Gestante...  
Confesso que essa barriga já dá saudade!

(página 38 | foto: #arquivopessoal)

TALÍRIA PETRONE

# FEED AFETIVO



talriapetrone  
Brasil



DEZEMBRO 5, 2020



24,426 pessoas



Ah, e se deliciem com o início dessa fase nova da pequena, que está curiosa e amando conhecer os alimentos!

(página 46 | foto: #arquivopessoal)

TALÍRIA PETRONE



# FEED AFETIVO



talriapetrone  
Brasil



MARÇO 21, 2021

27,125 pessoas



Esta foto expressa minha vida hoje...

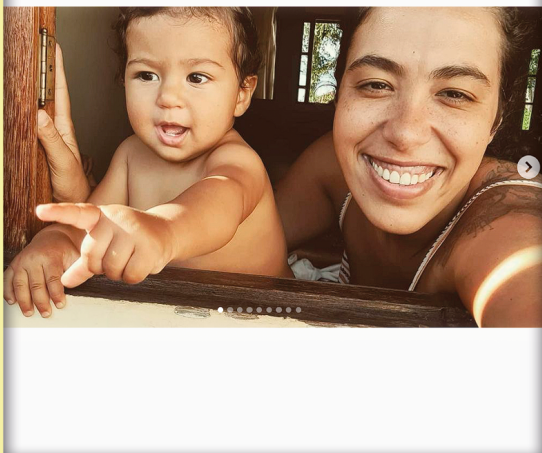
(página 52 | foto: #arquivopessoal)

TALÍRIA PETRONE

# FEED AFETIVO



taliriapetrone  
Brasil



MARÇO 28, 2021

12,785 pessoas



A maternidade também tem sido minha salvação...

(página 54 | foto: #arquivopessoal)

TALÍRIA PETRONE

# FEED AFETIVO



talriapetrone  
Brasil



OUTUBRO 9, 2021

5,673 pessoas



Compartilhar essa dose de fofura com vocês...

(página 70 | foto: #arquivopessoal)

TALÍRIA PETRONE

# FEED AFETIVO



talriapetrone  
Brasil



FEVEREIRO 12, 2022



2,452 pessoas



Moana Mayalú é meu perrengue e minha salvação...

(página 78 | foto: #arquivopessoal)

TALÍRIA PETRONE

PAPPO DE MÃE:  
DIÁLOGO POLÍTICO  
E AFETIVO SOBRE O  
MATERNAR

## COM TALÍRIA PETRONE & ÁUREA CAROLINA

**TALÍRIA PETRONE** – Precisamos repensar a militância. É praticamente impossível para uma trabalhadora, exercendo ativamente a sua maternidade, ser militante. A estrutura patriarcal a impede. Estaríamos falando de uma quarta jornada de trabalho? Parafraseando os economistas: o tempo é um recurso escasso, toda mãe sabe muito bem disso. Entretanto, vemos muitas militantes de origem popular, mães maravilhosas, que batem ponto diariamente. Muitos falam que são heroínas, mas entendemos que não se pode romantizar a situação-limite em que vivem.

**ÁUREA CAROLINA** – A militância é uma coisa extraordinária! Em si já é muito exigente, dá muito trabalho e, muitas vezes, pressupõe uma entrega, um compromisso de vida que acaba tendo uma presença muito grande no dia a dia. Na minha trajetória de ativismo, eu fui conciliando os estudos com o trabalho e com a dedicação aos movimentos, sempre de forma muito precária. Em um certo momento, eu consegui viver de trabalhos relacionados à minha atuação política e isso foi maravilhoso porque resolveu uma divisão, uma dificuldade que eu tinha de compatibilizar essas coisas.

Mas a parte dos estudos sempre foi muito arrasada; eu quase abandonei a graduação por duas vezes, cheguei a trancar um semestre... Então, já era muito difícil ser uma jovem de origem popular, sem muita grana, tendo que trabalhar pra me manter e ainda ter que atuar nas lutas. E eu não tinha filhos. Algumas das minhas parceiras próximas já tinham criança, alguns parceiros também, e as crianças, vira e mexe, estavam nos encontros com a gente, principalmente quando eram atividades durante o dia. Mas eu nunca entendi de fato como era penoso levar essa maternagem ou mesmo essa paternagem com essas crianças, sem contar que tem uma desigualdade gritante entre os caras e as mulheres. Porque eu lembro que os caras apareciam com as crianças quando era uma matinê, um sábado, quando a gente ia fazer uma atividade mais descontraída, daí apareciam os filhos dos caras. E para as mulheres é uma coisa muito mais colada, né, as crianças estavam muito mais presentes a partir da atuação delas, mas com muitos apagamentos também. É como se fosse, na minha visão de quem não tinha criança, mais uma condição da vida. Eu não entendia como era um sacrifício enorme para conseguir organizar a vida. Tem toda uma logística pra poder carregar as crianças ou não carregar as crianças, e os espaços definitivamente não estavam preparados para

receber e acolher essas crianças, essas mães e esses pais. Tinha uma época que eu fazia reuniões de movimento praticamente, sei lá, várias vezes por semana, e eu só podia ter essa dedicação porque, como se diz, eu não tinha nem um passarinho pra dar água! Eu tinha que me virar, não era fácil, mas eu não tinha essa carga, mesmo. Então, pensar numa quarta jornada de trabalho? Acho que sim, [que é disso que se trata,] porque viver a maternagem com essa integralidade de tantas dimensões que são desconjuntadas acaba sendo um esforço descomunal. É muito cansativo, é adoecedor, a conta não fecha, porque é o dia inteiro. Como você vai cuidar das rotinas de alimentação, de tudo que a criança precisa com escola, transporte, e seguir com o seu trabalho, estar em espaços da militância e estudar? É uma coisa que uma hora [a mulher] entra em colapso. É isso: essa visão de que essas mulheres são heroínas tem um preço muito alto, na real. Isso [vai continuar assim] enquanto não houver de fato uma tomada de consciência mais ampla [sobre a maternagem]. Eu só me dei conta de que eu nunca fui efetivamente uma rede de apoio para as minhas amigas no cuidado com as crianças depois que eu me tornei mãe.

**TALÍRIA PETRONE** – Devemos incentivar [o debate sobre] creches comunitárias e espaços de recreação, nas reuniões [políticas]. O espaço de



militância deve ser acolhedor para mães e crianças e isso deve ser visto como prioridade e não como um plus, um a mais. É o mínimo! Uma reunião, ou bate-papo, que seja, onde mães e suas crias não são bem-vindas é necessariamente elitista e excludente.

**ÁUREA CAROLINA** – Eu fui a umas reuniões, mais recentemente, mas quando eu ainda não tinha Jorge [filho de Áurea], de grupos feministas em que tinha crianças participando, correndo, brincando, e aquilo me impactou bastante. Porque acho que foi uma mudança, pelo menos nessa minha geração dos 30 e poucos, 40 e poucos, que começou a incorporar as crianças de uma forma muito mais visível e intencional. A reunião às vezes ficava uma algazarra, com aquele tanto de meninos correndo e tal, e aquilo fazia parte da construção. Inicialmente, eu pensava assim: “Nossa, mas eu não estou conseguindo entender o que o povo está falando, esses meninos estão gritando demais...”. Mas é isso mesmo, sabe? Elas [as crianças] geram um ruído, geram uma perturbação naquela ordem habitual de como se dá um espaço de ativismo. Porque a militância, muitas vezes, é excessivamente intelectualizada, baseada em discussões, e tem tantas outras formas, né... É pensar essa interseccionalidade das lutas de uma forma mais radical, mais complexa. Interseccio-

nalidade é trazer como se sente o nosso corpo, como a gente se alimenta, como a gente cuida do espaço, e não só as ideias mirabolantes que a gente tem para apresentar ao mundo. E as crianças, definitivamente, conseguem abalar essas estruturas convencionais que a gente tem e mostrar muitos outros caminhos. [Podemos atuar] Pensando com elas, fazendo junto com elas. E, claro, hoje eu entendo que um espaço que não é acolhedor para as crianças é um espaço, no mínimo, limitado. Mas passei pela experiência de parir, de ter uma criança pra começar a levar mais a sério essa reflexão. Então, mesmo sendo uma feminista desde que eu me entendo por gente, desde que eu estou participando dos movimentos, não é automático lidar com essas coisas. E a maternagem é realmente uma construção que é [feita] a muitas mãos, são muitas formas de cuidar. E esse lance da comunidade cuidar, como é importante a gente tecer isso não de uma forma romântica e idealizada, mas em formas de compartilhamento, em formas de trazer as pessoas. Acho que a gente precisa visibilizar mais o que é ser rede de apoio, fazer oficinas sobre isso, senão fica parecendo que é, assim, algo quase moral: “Ah, estive em falta com as minhas amigas”, ou “Ah, não prestei atenção na hora que elas mais precisaram...”. Não é que fui negligente, é porque isso não estava colocado como uma ques-

tão ainda. É o resultado de uma elaboração que vem de uma prática política também, e acho que hoje temos muito mais condições de fazer isso. É um desenvolvimento que torna as lutas muito mais consequentes.

**TALÍRIA PETRONE** – Considerar a gravidez e o maternar como um processo coletivo é revolucionário! E isso não é desconsiderar a experiência individual, cheia de dores e delícias; contudo, ser mãe é um ato político. Na sociedade patriarcal, o ato de ser mãe é dominado, vigiado e/ou relegado pelos homens, ficando a maior parte da tarefa do cuidado com as mulheres. Mas também é considerado central na forma de organização da sociedade. Por isso, a maternidade deve ser vista como um direito e deve ser estendida a todas as mulheres que queiram exercê-la.

**ÁUREA CAROLINA** – A maternidade precisa ser um direito, uma escolha, uma escolha decidida, e quando não é possível ser uma escolha, precisa ser desejada, para que ela possa existir com todo o seu potencial de amor, de crescimento, de aprendizado, de cuidado com a vida, mesmo. Então, obviamente, estamos a anos-luz de poder viver isso de forma ampla para todas as mulheres e todas as pessoas que têm útero, e para todas as pessoas que querem assumir o cuidado de

uma criança. E, isso, por toda a vida dessa criança. Agora, é um processo individual e coletivo que não precisa ter uma cisão. Às vezes é individual ou é coletivo, uma hora é individual, uma hora é coletivo, eu acho que não tem muita fronteira, o matiz disso é muito sutil... Então, é politizar essa experiência sem também ficar colonizando muito os sentimentos, as emoções, o cotidiano, porque às vezes a politização acaba endurecendo, vai criando certos padrões, e é uma rigidez que traz problemas, [nessa base moral do] “Ai, eu deveria ser assim...”. E em todos os momentos, né, na amamentação, na introdução alimentar, se amamentou, se não amamentou, se deu fórmula, se não deu... Tudo isso vai virando um arsenal de cobranças, de pressões, quase que de manual de conduta, que vai empobrecendo esse exercício, sem contar a desigualdade econômica. Isso é mortal, mesmo. Além de tudo isso, existe como um véu ao redor que vai meio que autorizando ou não os passos, as escolhas, a experiência de maternar. Estou num relacionamento há vários anos, com um homem que se coloca como um parceiro, está comigo, tem uma escuta, mas o patriarcado sai pelos poros, é algo que precisamos constantemente trabalhar. E, claro, a reprodução disso se dá também por nós, mulheres, não dá pra gente transferir. O patriarcado não é um atributo dos homens, é um atri-

buto da sociedade, e a gente também não é imune a isso. Então, individual e coletivo são instâncias para serem mediadas, e elas não são completamente distinguíveis. Chega uma hora em que é tudo misturado mesmo.

**TALÍRIA PETRONE** – Ser mãe também é renascer, é ver o mundo de outra forma. Não, não é padecer num paraíso, mas tem uma dimensão de encantamento e preocupação inéditos. [A criança é] Um ser que é junto, depois se separa e vai para o mundo. Também nesse sentido o maternar é político – ao menos comigo foi, enxergo cada vez mais o mundo na perspectiva da Moana. Meu futuro ficou mais longo, quero com mais força um mundo novo para as crianças, para a minha filha. A ideia de ecossocialismo, de bem-viver, de uma sociedade sem racismo, sem sexismo e sem opressões só ficou mais urgente em mim. Aliás, ou é isso ou é a barbárie!

**ÁUREA CAROLINA** – Ser mãe é renascer, é ver o mundo de outra forma, e pra mim isso é uma coisa em processo. Eu tenho total convicção de que é um marco sem palavras na minha vida, e o parto foi esse portal mesmo. E pra mim, especialmente, que venho de uma trajetória, de uma dedicação política que tomava conta da minha existência quase por inteiro, a chegada do Jorge

significou um recolhimento pra mim, sabe, pra eu poder me enxergar melhor em tanta coisa. Às vezes, eu me diluía em processos políticos, eu levava ao pé da letra aquela história de que o pessoal é político, como se isso significasse que tudo na vida é da dimensão do político, e não é. O pessoal é político mas o pessoal é também outras coisas; o pessoal não é, exclusivamente, político. E eu não tinha muita compreensão disso. Depois que eu fui fazendo um exercício de entender que estar com o Jorge é de uma outra natureza mesmo, são coisas que eu não tenho que ficar elaborando racionalmente, como era tipicamente a minha forma de estar no mundo. Ainda estou lidando e acho que vou lidar o resto da vida com isso. É ir desfazendo um lugar, que vai ficando um pouco maçante, de percepção sobre o mundo, sobre a realidade, sobre tanta injustiça e tanta desigualdade, e o meu papel nisso etc. etc. E o Jorge tem um outro lugar, que é o do sensível. Pra mim foi essa reconexão, do brincar, de simplesmente estar numa situação de forma despreziosa, sem ficar analisando excessivamente. É ficar vendo desenho animado e achando maravilhoso, sem ficar pensando “Ah, isso é imperialismo, isso é estereótipo...”, saca? É dar um pouco uma suspensão nesse crivo, que era onipresente. Não é que eu não tenha essa percepção, porque uma vez

que a gente acessa essas perspectivas a gente não se desvencilha disso mais, mas é encarar de outra forma essa percepção, que está tudo bem. Outro dia, o Jorge estava brincando com um primo dele com uma arminha, de luzinha, que faz barulho, e eu fiquei apavorada, queria esconder o brinquedo! E o Saulo falou: “Não, uai, ele está brincando mas depois a gente conversa com ele, a gente explica a situação”. Então, vamos criando formas de acessar o universo dele, mas sem também impor uma censura. Como fazemos isso? Tem esse lugar: são preocupações mas são também sensibilidades que vão se transmutando, e no meu caso virando também uma tentativa de ter mais leveza, pra não ficar aquela coisa garota-enxaqueca, que tá sempre enxergando a dor do mundo em tudo. É também o direito de se alegrar, saca? Isso pra mim tá sendo muito bom e muito bonito. E claro, né, em uma perspectiva de futuro, eu penso que estamos na guerra climática, as perspectivas são as piores possíveis... Mas, o que fazemos com este presente? É um senso de presente muito mais responsável, é uma busca também, é um trabalho. Ouvindo muito as perspectivas dos povos indígenas, dos povos e comunidades tradicionais, e dessa dimensão do presente nas periferias, de como a vida nunca foi fácil, é guerra e luta sem parar, e a tendência é continuar assim. Com o planeta em aceleração

com as questões climáticas, e pá, o presente ganha uma centralidade. O cuidado é aqui e agora, né, o tempo da criança é o aqui e o agora, as necessidades do corpo, as necessidades do sentir... Não dá pra esperar um ano, o desenvolvimento é sutil; em poucos dias a criança dá respostas que são incríveis! Parece que o meu tempo foi sendo levado pra essa outra dinâmica, e a minha percepção política do tempo, também. Viver dignamente, ou cuidar pra que se possa viver dignamente o aqui e agora, são grandes coisas, sabe?

**TALÍRIA PETRONE** – Educar a Moana, desde já, é um desafio: educar para a liberdade uma menina, no mundo dos machões e valentões, de fato, não é das tarefas mais fáceis. Educar para o mundo, quando se é mãe, já é difícil... Existe uma sensação de perda, né? Mas, quando penso no quão maravilhosa a vida é, em quantas experiências incríveis ela guarda para Moana, me encho de felicidade. Contudo, como diria o poeta, “a vida é real e de viés” [trecho da música O quereres, de Caetano Veloso]. Ser mulher, e ainda mais preta, no mundo do patriarcado não é nada fácil! A tarefa é educar para a liberdade e para a coragem, necessariamente.

**ÁUREA CAROLINA** – Educar para a liberdade e para a coragem é também me educar, se educar, porque a relação com a criança é isso. A criança



tem a sua própria existência e a busca é de que essa existência seja autônoma, segura, livre, protegida. Mas, pra exercer isso, em direção a uma criança e em direção a outras crianças, a uma comunidade, é preciso cultivar isso internamente, também. Eu vivi um puerpério bem difícil, muito difícil, na pandemia, trabalhando arduamente. Fui candidata a prefeita com Jorge ainda bebê de colo. E aí, na sequência, eu tive um colapso emocional, adoeci, tive crises de ansiedade e pânico. Como construir uma outra história a partir dessa chegada do Jorge? Então tem isso, de como educar cuidando de mim também, porque eu desejo muito que eu possa ser uma mãe diferente da minha experiência, da minha experiência de ter sido filha, me colocando nesse lugar agora de uma filha que também é mãe. Enfim, uma experiência diferente não no sentido de que é melhor, mas de tentar prestar atenção em algumas armadilhas, em algumas coisas que já consigo detectar porque vivi, e tentar errar em outras coisas, saca? Educar para a liberdade, para a emancipação é indagar o tempo inteiro qual é a minha busca, porque não tem como imprimir isso sem uma reflexão, sem uma atenção com a própria conduta e a própria subjetividade. Então tem isso de culpas, por exemplo: eu amamenteei o Jorge em livre demanda, com amamentação exclusiva por seis meses, e depois

ele continuou amamentando em livre demanda por dois anos e três meses, e foi uma história linda, fui muito feliz na amamentação, foi uma coisa libertadora e sublime! Mas sempre escutei muito palpite: “Ah, esse menino tá mamando demais!”, “Ah, esse menino tá fazendo chupeta do seu peito!”, “Ah, esse menino só dorme se for no peito!”, e chegou uma hora que eu comecei a ficar abalada com essas críticas e opiniões não solicitadas, sabe? E então começou a ser um tormento pra mim sobre qual seria a hora do desmame. Não porque eu queria o desmame, mas porque eu estava me sentindo já fora do lugar. A minha relação com o Jorge foi maravilhosa na amamentação, mas foram tantas opiniões de fora, até opiniões muito equivocadas, de gente que acabou sendo violenta comigo, que mesmo com toda a minha bagagem e supostamente a minha capacidade de discernir racionalmente sobre o que tava acontecendo, ainda assim fui afetada por essas coisas.

## COM TALÍRIA PETRONE & THAIS FERREIRA

**TALÍRIA PETRONE** – Em 2021, foi a primeira vez que levei Moana ao plenário [da Câmara dos Deputados]. Moana ainda mama e não abro mão desses meus momentos com ela. Amamentar no parlamento parece algo tão incomum... Por quê? Muitos dos parlamentares, os homens, têm filhos. Quem amamenta seus bebês? Quem cuida de suas crianças enquanto eles ficam até tarde, em sessões intermináveis? Se os homens amamentassem, não tenho dúvidas que todas as casas legislativas teriam uma megaestrutura para atendê-los. Por enquanto, nós queremos berçários e banheiros com trocadores de fraldas e somos vistas como sectárias. Ah, o patriarcado... Cansa, né?

**THAIS FERREIRA** – Demais! Mas, para além de todo o cansaço, esses são os tipos de questionamentos que muitas vezes paralisam e inviabilizam o fazer político de muitas mulheres, seja nos parlamentos ou no cotidiano. Diante dessa estrutura patriarcal, fica muito nítido o quanto é difícil para nós alcançarmos os lugares mais básicos de legitimidade, de aceitação social e política da nossa condição materna. É preciso que o espaço político troque a lente distorcida e perceba que mães são,

por sobrevivência, provedoras da inclusão.

**TALÍRIA PETRONE** – Os locais de trabalho são avessos à maternidade. Até trocadores de fraldas nos banheiros, o que é uma medida bem simples, não são instalados. Depois nos chamam de radicais... Até somos, né? Queremos ir à raiz do problema do machismo, sobretudo nessa pauta específica, uma demanda histórica do movimento feminista, de mães, tão corriqueira. Às vezes, penso comigo: o símbolo da maternidade é tão forte, tão forte que uma mulher dando de mamar à sua cria no trabalho, numa casa legislativa, abre fissuras nas estruturas do machismo, ao menos nas estruturas dos machistas.

**THAIS FERREIRA** – Sempre trabalhei e amamenteei por sete anos seguidos, em livre demanda e, nesse longo processo de nutrir outras vidas a partir do meu corpo, transitando por locais de trabalho hostis com meus filhos nos seios, pude refletir bastante sobre como o ato de amamentar é político e também uma poderosa ferramenta de provocação dessa demanda histórica que é a derubada do machismo e dos seus impactos tóxicos na vida de todos, desde o começo da vida, em todos os ambientes. E, sim, é na brecha das fissuras que celebramos revoluções cotidianas que nos fazem esperar: a imagem de uma parlamentar mulher e

mãe, amamentando sua cria com liberdade, é radicalmente poderosa contra a estrutura machista.

**TALÍRIA PETRONE** – De uma maneira geral, o maternar é difícil e exaustivo. A privação do sono talvez seja uma das piores coisas. Acredito que não seja só para mim, seja para todas as mães, as que trabalham fora e dentro de casa. Eu, pelo menos, tenho alguma estrutura, um apoio que me permite participar da vida política, mesmo com todas as dificuldades cotidianas. Mas, e as tantas que não têm qualquer rede de apoio? É fundamental pensarmos nessas mulheres.

**THAIS FERREIRA** – Sou a segunda filha de uma mulher preta que não dormiu durante os três primeiros anos do primeiro filho, sem estrutura alguma, com pouca rede de apoio e cumprindo tripla jornada. Quando eu nasci, minha mãe já estava exausta e com medo de não dormir por mais três anos. Imagina o terror! Foi observando muito de perto a experiência das mães ao meu redor que, desde cedo, eu entendi o que deveria ser prioridade para a sustentabilidade humana. Mães, de forma compulsória, se tornam pessoas que não dormem. Deveria ser óbvio que as protagonistas do cuidado fossem as principais beneficiárias das políticas de bem-estar social.

**TALÍRIA PETRONE** – Quando a gente pensa o quanto a pandemia sobrecarrega nós, mulheres mães, e quando pensamos que a questão sanitária impacta de forma muito dura as mulheres gestantes, e o Brasil demorou a reconhecer e a enfrentar esse quadro, a gente pensa que essas questões todas têm que estar visibilizadas na política institucional. E nada melhor do que a gente ter representadas, nesses espaços, mulheres mães, porque essas mulheres, sobretudo as negras chefes de família, vivenciam na pele o que são essas questões todas e, por isso, tendem a priorizar esses desafios.

**THAIS FERREIRA** – A emergência sanitária descortinou e agravou a realidade do Brasil, nossa pátria, que é majoritariamente mulher, preta, pobre, mãe e extremamente maltratada e desassistida pela política institucional. Esta, que deveria garantir e ampliar direitos, retira e viola muitas vidas com autorização de todos os seus poderes. E, sim, acredito que é somente a maior presença e participação política das pessoas que representam a realidade que tem o poder de mudar e regenerar o Brasil a partir das necessidades reais do nosso povo.

**TALÍRIA PETRONE** – É fundamental que a gente visibilize as pautas que envolvem as mulheres em geral, mas que envolvam nós mães, que envolvam

maternidade. Para a vida no mundo funcionar, há sempre uma mãe fazendo a roda girar, uma mãe levando o filho na escola, uma mãe cozinhando, uma mãe se desdobrando em dupla, tripla jornada de trabalho. Ao mesmo tempo, a gente tem uma violência no aspecto mais amplo, que atinge nós mães, seja a violência da licença-maternidade insuficiente, seja uma violência expressa na invisibilidade da violência obstétrica, da mortalidade materna, inclusive, seja a violência do não entendimento de que o trabalho doméstico, de que o trabalho reprodutivo é também trabalho. E nós, mulheres pretas, somos as mais atingidas. Não podemos pensar em melhores condições para o nosso materno sem pensar nas mulheres negras, [sem] pensar em como a situação aperta mais para essas, que são as principais vítimas do sexismo e do racismo estrutural.

**THAIS FERREIRA** – De tanto sermos alvos, de tanto que nos atingiram, nosso luto virou luta e nossa luta é verbo de ação – passado, presente e futuro. Sem ocupar espaços de poder institucional, mães negras sempre assumiram a tarefa de correr atrás de dignidade e trabalhar contra todas as opressões. Aprendemos a fazer política em ambientes de extrema escassez, no aperto, pela sobrevivência. É tudo isso que nos qualifica pro lugar de sermos nós a mudança que a democra-

cia precisa. São nossas as pautas mais urgentes e que devem ser mais visíveis. Mulheres negras estão pautando a manutenção da vida e o bem-viver para todas as pessoas.



## EPÍLOGO: O DIÁRIO DE UMA MÃE, PARLAMENTAR, FEMINISTA

Por NATALIA SZERMETA

A luta pela maternagem plena, de Talíria Petrone, durante e depois da gestação de Moana Mayalu vai além de nos comover. As imagens que vimos aqui neste diário nos emocionam pela beleza, sensibilidade e delicadeza cotidianas, mas também nos fazem enxergar gestação e puerpério (pós-parto) como períodos simbióticos, absolutamente conectados. Uma gestação infinita: talvez seja assim a vida de uma mãe negra, de filhos negros – a vida toda a gestar suas crias, mesmo fora da barriga, sempre a protegê-las das mazelas que podem a qualquer momento lhes abater, como acontece ao longo de toda a história desse povo. Imagine você, então, viver todo esse sentimento de *maternar* uma nova vida em meio a uma pandemia que matou quase 700 mil brasileiros; em meio a uma atividade parlamentar repleta de violências simbólicas, psicológicas e, em última instância, físicas; e em meio a ameaças constantes, resultantes dos posicionamentos dessa parlamentar aguerrida, que liderou a bancada do PSOL no mesmo período.

A conclusão parece óbvia: Talíria Petrone, além de tudo que lhe valida política e intelectualmente para representar o povo brasileiro no espaço parlamentar, é mulher inquebrantável, de uma força *sankofa* (a filosofia africana representada imagetivamente por uma ave, que nos ensina a nos inspirar no passado para construir um futuro diferente). O que vemos nesta publicação, que a Fundação Lauro Campos e Marielle Franco tem o prazer de tornar realidade, é que, em Talíria Petrone, sorriso, dor, maternidade, trabalho e muita luta convivem com esperança, amor, alegria, ancestralidade, fragilidades e disposição de mudar o mundo.

Conciliar o desejo de produzir uma política capaz de mudar significativamente a vida da maioria das pessoas com as violências de gênero cotidianamente sofridas no exercício dessa vocação; e ainda lidar com as tarefas e emoções de uma maternidade gerada em meio a tamanhas hostilidades... Quantos desafios! As mulheres negras acumulam as opressões sexistas e racistas sobre suas vidas. E são grandes alvos da violência política. Talíria Petrone passou por isso. Com a maternidade e as simultâneas ameaças de morte, teve que deixar de morar no Rio de Janeiro, seu estado, por segurança. O sentimento de incompatibilidade com a política e o ambiente parlamentar, portanto, foi *habitué* no período em que ela ainda

se recuperava das alterações físicas da gravidez, no chamado puerpério. No Congresso, conviveu também com agressões de quem achava um absurdo que ela discursasse no plenário com a filha a tiracolo e com aqueles que romantizavam a cena como algo *revolucionário* – o que ela até acha um pouco, mas não se deixa enganar, pontuando que aquele é o retrato da falta de cuidado com as mulheres parlamentares que são mães.

Talíria seguiu quebrando tabus. Amamentou Moana Mayalu na tribuna da Câmara dos Deputados, expondo a dificuldade de um Congresso que não se preocupa com essas mulheres mães. E levou adiante a luta pela distribuição gratuita de absorventes para mulheres vulneráveis, mas viu o presidente da República vetar a proposta, levando a cabo sua mentalidade misógina. E é isso que este diário nos mostra, como um presente, compartilhando com o leitor as dificuldades de uma lutadora social que disputa a institucionalidade e ainda vive a realidade da maternidade, como todas nós, lutando contra os fantasmas que a romantização do *ser mãe* coloca perto de nós.

Estamos falando de um delicado registro diário da rotina de uma feminista, parlamentar, mãe, sem filtros e edições. Um lindo registro, que nos ensina que não estamos sozinhas – por mais que às vezes nos pareça.



**Não  
existe  
luta  
sozinha**

**Lute  
como  
minha  
mãe**

Este livro foi impresso em agosto de 2022, mês em que se completou dez anos da promulgação da Lei de Cotas no Brasil. Composto em Minion Pro 11,5/13,5, fizemos a impressão na Juizforana em papel triplex 250g/m<sup>2</sup> para a capa e pólen soft 80g/m<sup>2</sup> para o miolo.